

Paralisada Pela Greve a Telefônica no R. G. do Sul

(NOTÍCIA NA 2.ª PÁGINA)

EINSTEIN CONDENA A BOMBA DE HIDROGÊNIO



«A bomba de hidrogênio surge no horizonte como um objetivo provavelmente acessível... Se esse objetivo for atingido, o envenenamento da atmosfera pela radioatividade e, em consequência, a destruição de toda a vida sobre a terra terá entrado no domínio das possibilidades técnicas. Tudo parece se encadear nesse sinistro desenvolvimento dos acontecimentos... Ao fim do caminho perfila-se cada vez mais distintamente o espectro do aniquilamento geral...»

(Nova Iorque, 13 de fevereiro de 1950. Entrevista num programa de televisão, organizada pela sra. Eleanor Roosevelt).

Imprensa POPULAR

Diretor: PEDRO MOTTA LIMA

ANO VIII

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 23 DE JANEIRO DE 1955



Nº 1.410

BAIRRO RESIDENCIAL ATINGIDO POR OBUS

Peças de artilharia, atirando em Gericinó, atingem moradias de Olinda — Casas danificadas, crianças sob ameaça de morte e pânico entre os moradores — «Isso não é nada, pior é na guerra», diz um representante da política belicista do governo

O FATO ocorrido anteontem em Olinda, localidade do município de Nilópolis, foi tratado pelos jornais «sádios» com a displicência costumeira. Trata-se, no entanto, de mais uma brutal demonstração de desprezo por vidas humanas. Era, nada mais nada menos do que um bombardeio, por peças de artilharia, que atingiu uma zona residencial.

A princípio os moradores de Olinda, ouvindo estampidos fortes, não supuseram que se tratasse de nada de grave. Depois é que viram que estavam sendo bombardeados. Houve, naturalmente, pânico. A situação tornou-se clara. Era um exercício de tiro real em Gericinó.

«PIOR É NA GUERRA»

A casa de dona Isolina Pimenta Bonfim, situada à Rua Otávio Braga, 402, foi atingida por uma bala de canhão 105 e petardos com 135 gramas de trotil. Os projéteis entraram pela parede da frente e arrombaram a parede da sala de jantar. Dona Isolina, com uma profunda depressão nervosa, contou-nos, ontem à tarde: — Quando regressé, à noite, à minha casa, fui surpreendida com os buracos das balas e o choro convulso das crianças. Depois dos primeiros instantes de sur-

presa e hesitação, soube, contado por meus três filhos que estavam em casa, do bombardeio. Nessa noite ninguém dormiu. Nessa mesma noite uma patrulha do 2º Batalhão de Carros de Combate veio aqui apertar a bala. Como eu reclamasse do tenente, diretor do campo desses terríveis exercícios, ele me respondeu: — Isso não é nada, pior é na guerra.

POR UM TRIZ NÃO MORREU!

Várias ruas de Olinda apresentavam-se esburacadas pelas balas de canhão. No quintal da residência do sr. Salvador Vasconcelos Gomes, Travessa Benedita, 166, havia também uma cratera. Seu filho Dorival, com

CONCLUI NA 2.ª PÁG.

ESPERADA HOJE A RESPOSTA DA PANAIR

A empresa e os grevistas estudam as propostas conciliatórias — Praticamente total a greve — Café Filho concede à Panair uma subvenção de 5 milhões e meio de cruzeiros

A PANAIR prometeu responder hoje à noite as quatro propostas conciliatórias feitas pelo Juiz Pires Chaves para pôr termo à greve que entra hoje

em seu oitavo dia. As referidas propostas, já amplamente divulgadas pela imprensa foram estudadas pela Comissão da Representação CONCLUI NA 2.ª PÁG.



O coronel Cortes, chefe de Polícia, faz questão de dirigir pessoalmente as investidas terroristas contra os moradores das favelas. No clichê, o coronel Cortes e a malta de tiras e policiais, ontem, na Favela do Esqueleto

A POLÍCIA DE CAFÉ DECLARA GUERRA À POPULAÇÃO POBRE

Não são malfetores, mas trabalhadores honrados, os habitantes das favelas — «População a tiva, predominantemente trabalhadora», reconhece o I.B.G.E. — Onda de ilegalidade

— QUEM vai pagar o dia que perdemos no trabalho e o salário do domingo que também está perdido? — perguntaram aos policiais inúmeros trabalhadores presos durante a operação de guerra, realizada anteontem na Favela do Esqueleto.

Entre os detidos encontravam-se mais de 300 operários, a maioria dos quais empregados da Fábrica de Calçados Mattos Rocha, da CCPL e do Lanifício Alto da Boa Vista.

Além do cerco e invasão da favela foi também cercada a Ponte de Mangueira. Era preso qualquer que passasse, bastando para isso não trazer documentos. CONCLUI NA 2.ª PÁG.

O Que Diz Sobre a População das Favelas o Serviço Nacional do Recenseamento

«As características econômicas dos habitantes presentes nas 58 favelas observadas através do Censo Demográfico de 1950 demonstram que ali se encontra uma população ativa, predominantemente trabalhadora, ita da através de ocupações diversas nos principais ramos de atividade econômica desenvolvidos no Distrito Federal. Não se trata, pois, de uma população composta de marginais, mas de aglomerados humanos integrados regularmente na vida social».

(«AS FAVELAS DO DISTRITO FEDERAL E O RE- CENSEAMENTO DE 1950» — Separata da Revista Brasileira de Estatística, nº 55, ano de 1953)

COMO EVITAR O GOLPE

HA POUCAS SEMANAS, o «Correio da Manhã» comparou o sr. Carlos Lacerda a um sapo que, entufado de ar, procura assumir atitudes de gigante. Essa tendência megalomaniaca, traço tão destacado no perfil do escritor Momen, cresce dia a dia. Ontem, sob o título «Como evitar o golpe», Carlos de Lacerda traça normas a todos os poderes constitucionais num tom arrogante e ameaçador.

Em que se apoia Carlos Lacerda senão nas costas quentes de conhecido grupo militarista, onde se destacam Jurez Távora, Eduardo Gomes, Cordeiro de Farias e mais um convênio de politiquês? Vejamos as «receitas» que esses escreveram, e ele se encarrega de propagar.

«Fale o ministro da Justiça agita, erveja as tarifas aduaneiras», edeixe quebrarem os bancos da inflação», cinterprete a Constituição... em vez de se deixar prender rigidamente a clay, ordene o grupelho ao próprio Café Filho. Lacerda que nem sequer ainda ocupa sua cadeira de deputado, numa Câmara de centenas de representantes, a Lei Eleitoral, suprimindo as «cláusulas da lista única», «comece os trabalhos de reforma da Constituição», «vote a cláusula da maioria absoluta»,

acabe com a representação proporcional».

Os magistrados que dificultam as violências governamentais recebem seu quinhão. Para Lacerda essa parte do Judiciário governa «por meio de juizes prevaricadores, por dinheiro, por exibicionismo ou por alergia ao regime».

Qualquer um pode ver nesse amontoado de fórmulas fascistas a reprodução fiel dos pensamentos tantas vezes expostos pelos mesmos generais fascistas e pelos representantes mais categorizados do imperialismo norte-americano. Quem não sabe que a «cláusula da maioria absoluta» foi gritada no dia 5 pelo brigadeiro Gomes? E que a liquidação da representação proporcional já foi exposta, com maior clareza, pelo general Veríssimo, ex-comandante da região do Pará, autor do conhecido «esquema» segundo o qual o voto de um general deve valer 100 e o de uma lavadeira 1? A reforma aduaneira que pede Lacerda é, por outro lado, a mesma alvogada pelos exportadores americanos, nossos «bons sócios» no dizer de Eisenhower. E assim por diante.

Mas os que fazem tais exigências não têm as condições mínimas para levá-las a cabo, desde que as forças interessadas na realização de eleições livres se mantenham firmes e procurem

no apoio do povo o escudo indestrutível contra as maquinacões dos candidatos a «fuchros». A conciliação com maquiadores de quarteladas seria apenas incentivo a seus manejos antide-mocráticos. Há condições para uma plataforma capaz de unir sob a mesma bandeira as forças realmente representativas da nação, desde o proletariado à burguesia nacional, e extirpar os ameaçadores agentes de Washington.

Os trabalhadores e, particularmente os comunistas, têm, na atual situação, um papel decisivo a desempenhar. É na medida em que crescer o se unificar o movimento operário, em que der novos passos o movimento popular que será possível congruar todos os patriotas, não apenas para impedir novos golpes da reação e o imperialismo, como para abrir para nossa pátria amplos horizontes de progresso e democracia.

No momento em que, a mando da embaixada norte-americana, os inimigos do Brasil voltam a acirrar-se, são necessários redobrados esforços para fazer do programa de salvação nacional apresentado pelo P.C.B. o programa de todo o povo.



Uma palestra mantida pelo presidente da UME com um almirante, gravada em disco, foi transmitida aos representantes dos diretores acadêmicos, numa prova de policiamento reinante na entidade metropolitana. O disco é visto na fotografia acima, feita na sede da UME — (Leia noticiário na segunda página)

Eleições suplementares em seis municípios — Têm os patriotas fluminenses os seus candidatos

EM seis municípios do Estado do Rio, realizam-se, hoje, eleições suplementares para deputado à Assembleia Legislativa e à verança. Quatro urnas deverão ser renovadas em Niterói, uma no Fonseca (Colégio Brasil);

a segunda na Charitas (São de São Francisco); outra em Engenheiro (Serviço Nacional de Malária); e a última no Rio Douro (Residência do sr. Jorge Fróis).

Para a Câmara Municipal, CONCLUI NA 2.ª PÁG.

ALTA CONTRIBUIÇÃO PARA A PAZ MUNDIAL

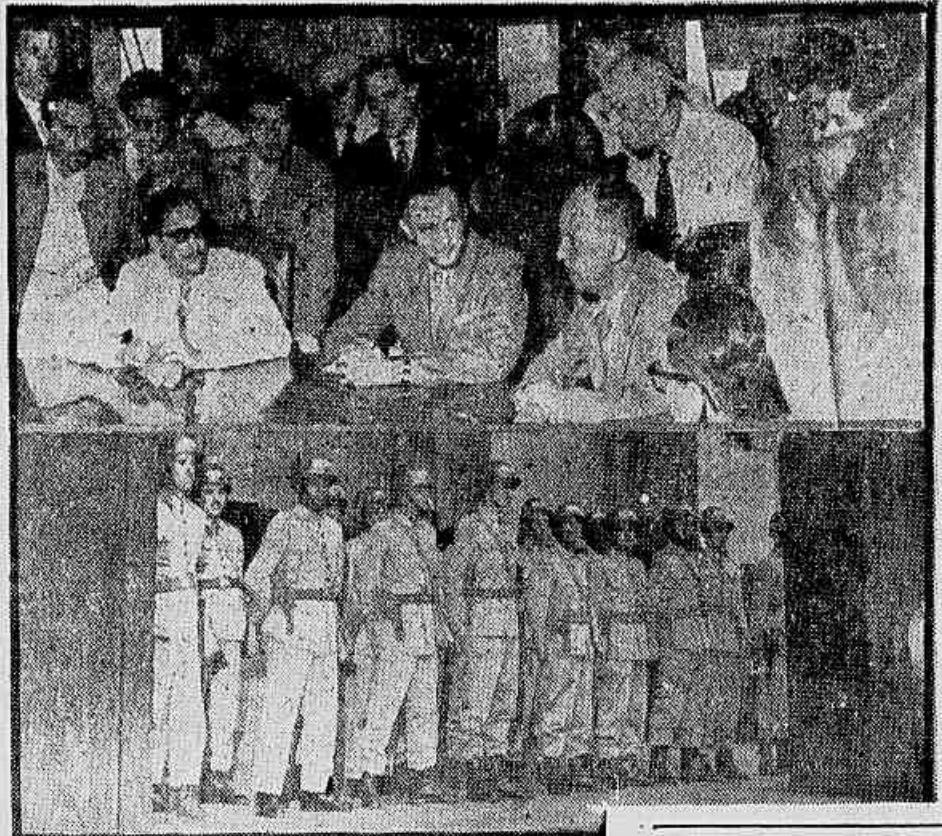
Falam sobre a proposta soviética de divulgar suas conquistas no terreno do emprego pacífico da energia atômica o senador Guilherme Malaquias e o dep. Moreira da Rocha

— TRATA-SE, evidentemente, de um gesto que vem demonstrar a elevação de princípios do governo da URSS e dissipar quaisquer dúvidas quanto à lealdade e ao espírito humanitário dos dirigentes desse país — afirmou, ontem, em entrevista a este jornal, o senador Guilherme Malaquias, do PTB, seção do Distrito Federal, a respeito da proposta soviética pa-

ra dar à ONU os planos da Central Elétrica Atômica em funcionamento na nação que lidera o campo da paz e do socialismo.

Dessa, ainda, o representante carioca: — Se todos os governos pudessem agir com essa elevação de princípios e essa insalubridade, CONCLUI NA 2.ª PÁG.

NO REINO DA AUSTERIDADE GRAVES IRREGULARIDADES FINANCEIRAS NO D.N.I.C.



Sob pressão de vigorosa campanha desencadeada há dias pelos bancários cariocas, o Ministério do Trabalho decidiu, ontem, reconhecer a eleição da chapa vitoriosa no último pleito para a diretoria do sindicato daquela corporação. No entanto, impugnou a posse de sete suplentes, sob a estúpida alegação de profanação «ideológica» subversiva. Para comunicar esta decisão legal, o ministro Alencastro Guimarães mandou vir para o Ministério, como se vê na foto, um cheque da Polícia Militar (Na 8.ª pág.)



A dona da casa da Rua Batista das Neves, 113, e um garoto mostram o buraco produzido pelo obus

36 Mil Processos de Violação das Leis de Trabalho

ESTÃO ENCAINHADOS na Seção de Multas da Divisão de Fiscalização do Ministério do Trabalho, 36.000 processos baseados em autos de infração lavrados.

Esses processos não têm andamento porque foram des- extraviadas fichas e outras peças importantes. Conclui-se que, não somente as empresas empregadoras são usuárias e vezelras na violação das leis trabalhistas em vigor, como também que o Ministério do Trabalho, com esse escandaloso extravió de peças fundamentais dos processos, se acumplicia, prote- ge os violadores da lei.

GREVE EM RECIFE DE PROTESTO PELA MORTE DOS 24 ESTIVADORES

Os trabalhadores responsabilizam o governo

RECIFE, 22 (Do correspondente) — Em sinal de protesto contra a morte, por falta de segurança nos serviços de descarga, de 24 estivadores vítimas da explosão a bordo do cargueiro «Navem Mônica», os por-

tuários desta Capital declaram-se em greve.

Novo incêndio ocorreu num dos porões do navio sinistrado. Dado alarme pelo fiel do Porão N.º 1, compreceram os bombeiros, que CONCLUI NA 2.ª PÁG.

RETORNA HOJE ÀS URNAS O POVO DO ESTADO DO RIO

CINEMA

«Sinhá Moça» em Punta del Este

TELEGRAMAS de Punta del Este informam do êxito obtido pelo cinema brasileiro no Festival, quando da exibição da película de Tom Payne "Sinhá Moça". Os despachos dão a entender que esta produção nacional chegou realmente, por suas qualidades, a surpreender aos críticos e aos cinéfilas de vários países ali presentes.

A crítica especializada foi unânime em elogiar a realização brasileira, apontando o alto nível técnico já alcançado pelo cinema em nosso país.

Estes comentários, que representam, sem dúvida, um grande estímulo para os produtores brasileiros, encontram o cinema nacional sufocado por tremenda crise, aliado do mercado consumidor que se mostra muito mais pessimista do que em benefício dos "abacaxis" de Hollywood, sem dispor de capitais para o desenvolvimento de sua parte industrial, sem dispor sequer dos materiais indispensáveis à filmagem.

O reconhecimento mundial das possibilidades do cinema brasileiro encontra os nossos cineastas inteiramente desanimados pelo governo, atento apenas aos interesses contrários ao desenvolvimento de nossa cinematografia.

Mas, os elogiosas opiniões dos cineastas e críticos de outros países a respeito de películas realizadas no Brasil, encontram os trabalhadores do cinema também firmemente unidos em torno da defesa da sétima arte entre nós, preparando-se para uma reunião de caráter nacional em que, mais uma vez, debaterão os seus problemas e iniciarão nova etapa na luta por soluções imediatas para os mais angustiantes dentre esses problemas.

O AUMENTO DOS INGRESSOS

AINDA NA ÚLTIMA reunião da Cofap os interessados no aumento do preço dos ingressos nos cinemas não conseguiram obter o que desejavam. Isto porque, tal é a confiança que têm na ação pronta do general Napoleão que nem se preocuparam com justificar o pedido de aumento. Mas, isto não pode constituir motivo de dúvidas em torno da disposição belga da Cofap de combater a população. É necessário que a república popular ao absurdo aumento se faça sentir constantemente.

A. GOMES PRATA



GACCHOS — Gravura de Vasco PRADO do Clube de Gravuras de Porto Alegre. Esta peça foi realizada como uma das contribuições dos artistas gaúchos à divulgação do IV Congresso Brasileiro de Escritores, realizado pela A B D E na capital riograndense.

Fragmentos

PUNTA DEL ESTE. (AFP) — Ao cinema francês foi dedicado o sexto dia do Festival Cinematográfico. O programa incluiu um ciclo retrospectivo sobre «Melies» e o cinema fantástico francês, com a exibição de «Le Magicien», filme de 1857; «Melies» (1889); «L'homme à la tête de caoutchouc» (1901); «Le Royaume des Fées» (1912). Foi também exibido, fora do concurso, «Le Defroque», dirigida por Leo Joannon, que se acha em Punta del Este, integrando a delegação francesa. Para a competição oficial, passaram «J'avais sept filles», dirigida por Charles Boyer e protagonizada por Maurice Chevalier, produção do ano passado.

Por outro lado, a delegação italiana tentou retirar-se do Festival, mas finalmente mudou de idéia. O motivo de sua atitude foi terem exibido, no primeiro dia, sem propaganda alguma nem preparação prévia, «Pia, Amor e Clums», contrariando as normas do programa. A direção do festival pediu desculpas à delegação.

Quanto à delegação brasileira, muito numerosa, com muitos grandes simpatizantes e elogios, o mesmo aconteceu com a delegação argentina. A delegação norte-americana já fez um protesto em relação à questão do alojamento, sendo atendidas suas exigências (AFP).

Lenços Fantasia Para Senhoras — Cr\$ 50,00

Os mais belos lenços com extraordinários estampados em 100% seda — Cr\$ 50,00. Não deixe escapar a oportunidade de adquirir a sua coleção. Rua da Alfândega, 318 — 1º andar.

Classificados

ADVOGADOS

DR. LELTIA RODRIGUES DE BRITO — Ordem dos Advogados. Inscr. 153 — Rua Alvaro Alvim, 24, 4º andar, Grupo 402. Tel.: 52-4295.

DR. HENRI PALMEIRA — Av. Rio Branco, 106, 15º andar, sala 1502 — Tel.: 42-1138.

DR. R. CALHEIROS BOMFIM — Causas Trabalhistas. Rua São José, 50, Grupo 1103 — Fone. 22-7276.

DR. PEDRO MAIA FILHO — Av. Rio Branco, 106, sala 1102 — Tel.: 42-8101.

DR. DEMETRIO HAMAM — Rua São José, 50, 1º andar — Tel.: 23-0865.

DR. MILTON DE MORAIS EMERY — Av. Ernesto Braga, 255, sala 203 — Diariamente, das 15h às 17h30 horas — Tel.: 42-7189.

DR. OSMUNDO BESSA — Rua Gonçalves Dias, 59, sala 402 — Das 16h às 18 horas. Tel.: 52-9771.

MÉDICOS

DR. ALCEGO COUTINHO — Terças, quintas e sábados, das 14h às 18 horas — Rua Alvaro Alvim, 31, 3º andar, sala 302 — Tel.: 52-3315.

DR. ANTONIO JUSTINO PRES- TES MENDES — Clínica em geral — Av. Nilo Pecanha, 155, 4º andar, sala 302-A — Terças, quintas e sábados, das 12h às 14 horas.

DR. URANDIL FONSECA — Médico — Segundas, quartas e sextas-feiras, das 14h às 18h — Rua Alvaro Alvim, 31, 3º andar, sala 302 — Tel.: 52-3315.

ESTA DOENTE? — Sofre de doenças internas? Não perca a esperança de sua cura. Procure o especialista Dr. Jorge, médico da Associação Espírita Jesus Cristo, às 3as, 5as e sábados, das 9h às 11h e das 15h às 19h horas. Rua do Ovidor, 168 — 1º andar — sala 705 — Consultas Cr\$ 100,00.

DENTISTAS

DR. JOSE AVELINO — Extrações sem dor. Dentaduras anatômicas. Ponte móvel em titânio. Rua Frei Caneca, 204, sobrado. Horário: terças, quartas, quintas e sábados — Tel.: 32-0580. Precos ao alcance de todos.

DENTADURAS IMPLANTADAS — DR. M. N. COHEN — Especialista — PROCESSO AMERICANO — Casas difíceis de dentaduras — Alameda Guabarna, 17, s/1207 — tel: 52-7904 — Cinelândia, Consultas diárias.

CARTES PLÁSTICAS

Situação do Patrimônio Histórico e Artístico

OS JORNAIS DE ONTEM noticiaram com destaque as violências policiais contra os moradores de uma das favelas cariocas, parte da ação policial contra os trabalhadores que vivem nos morros, a pretexto da captura de criminosos. Resultado: os próprios jornais reconheceram que, apesar de quase mil pessoas terem sido detidas e milhares de outras sofrido vexames nos muros dos bealeguins, os criminosos considerados mais perigosos conseguiram escapar.

Mas, mesmo os jornais desse governo austero não puderam deixar de notar que, na referida favela, foram encontrados, servindo de biombos para separar habitações improvisadas e empregados para outros usos ainda mais estranhos, calchotes contendo nada menos que... as cinzas dos incandescentes recentemente trazidas para o Brasil.

Mais ainda, os mesmos órgãos austeros desse governo austero noticiaram que cópias das obras do Aleijadinho, quebradas, foram encontradas nessa favela. Outras peças de arte nacional também ali se encontravam, perdidas entre os moradores.

Tudo esse precioso material estava sob responsabilidade do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que zelava por ele da maneira descrita pelos jornais obedientes à onda demagógica dos entreguistas que assaltaram o poder.

Os dois fatos ligam-se perfeitamente, embora pareça absurdo. A aparatosa diligência policial contra os pacatos moradores da favela chamada do Esqueleto, interrompendo o trânsito, prendendo trabalhadores, deixando fugir os criminosos e o abandono completo de peças do patrimônio histórico e artístico do país. Ligam-se e juntos compõem um dos traços marcantes da fisionomia de austero idemismo.

B. N.

ENQUANTO NO RIO vivemos um mês pobre de exposições, São Paulo apresenta intenso movimento... em torno do abstracionismo. Aproveitando o que resta das comemorações do IV Centenário, o japonês Tatsuo Arai e Bramente Buffon fazem exposições individuais, fornecendo pretexto para a propaganda das tendências decadentistas na arte.

LITERATURA

NOTÍCIAS

MARIA DE LOURDES TEIXEIRA, a conhecida romancista bandeirante, vem entregar à Editora José Olympio os originais de seu novo romance, «A Mulher e a Solidão».

SEGUNDA NOTICIA «Folha da Manhã», de S. Paulo, consta que o nome do sr. Café Filho foi apresentado à Academia Brasileira de Letras para a vaga de Celso Vieira. Segundo o órgão bandeirante, a indicação teria partido dos srs. Pedro Calmon, Ataíde de Paiva e Gustavo Barroso, ansiosos, naturalmente, pela companhia do austero Presidente.

Ontem, ouvimos um desmentido desta notícia, que, após a entrada do sr. Chateaubriand para a Academia, nada tem de surpreendente. Por outro lado, ouvimos em outra roda de literatos, uma confirmação de rumor. Diz-se que a indicação fora feita e o responsável pela mesma fora o escritor parilhão de «O Globo», sr. Lins do Rêgo.

ESTREARÁ NO ROMANCE o jovem escritor Celi Monteiro, com um livro intitulado «Cana Pisada».

UMA DAS RECENTES EDIÇÕES Saralva é o livro de Edison Carneiro «Cidade

Notícias

GRANDE AQUISIÇÃO — O conjunto teatral «Os Artistas Unidos», de Carlos Brant, está de parabéns. Acabou de contratar a inteligente Maria Clara Machado, autora, diretora e atriz de valor mais que o reconhecimento. Estreará na peça «O Diálogo das Carmelitas», de George Bernanos, peça que abrirá a temporada do «Os Artistas Unidos» no novo Teatro Copacabana.

Seguiu para o Sul Paschoal Carlos Magno, que visitará Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, onde tratará do Primeiro Festival de Arte da Juventude Brasileira, a realizar-se em julho vindouro. Com essa viagem, Paschoal concluirá sua missão recentemente iniciada, tendo visitado todo o país. De P. Alegre, irá a Buenos Aires, a convite do Instituto da Juventude de Arte Moderna, onde falará sobre nosso teatro e sobre o movimento artístico da juventude brasileira. Paschoal Carlos Magno estará de volta a 31 do corrente, devendo reiniciar sua carreira diplomática, interrompida durante quatro anos em que serviu como verificador à Câmara do Distrito Federal. Paschoal deverá ser designado para o Consulado do Brasil em Milão.

TEATRO

«O Sublime Peregrino»

Com J. A. de Santa Rosa lendo o prólogo — e lendo com expressão e desenvoltura — de «O Sublime Peregrino», de Stefan Zweig, teve início a segunda apresentação de «Os Ilipócritas», conjunto formado por alunos do Conservatório Nacional de Teatro.

O autor de «Maria Antonieta», «Brasil, País do Futuro» e outros inúmeros livros fortemente conhecidos do público brasileiro, diz entre outras coisas, à entrada de «O Sublime Peregrino»: «Em 1890 começou Leon Tolstói a escrever sua autobiografia dramática; que muito tempo depois foi publicada e fragmentariamente representada sob o título «O Poder das Trevas». Esta drama inconcluso... conserva perfeita equilíbrio moral».

«O Poder das Trevas» foi montado por Stanislavski, diretor que amava, como todos os homens inteligentes e retos do mundo inteiro amam, o genial criador de «Guerra e Paz». A obra apresenta «o final cruído» por Leon Tolstói. A cena inicial passa-se em Iannai Poliana, onde Tolstói recebe a visita de revolucionários que vêm buscar sua adesão ao movimento operário. Tolstói não esconde sua simpatia pelas oprimidas. Encerra-se o drama com a morte de Leon Tolstói em Astapovo.

O original de Stefan Zweig que não apresenta bem os fatos, carece de mais ação teatral. O diretor precisa saber explorar fraquezas, criar efeitos, lutar com dificuldades que uma peça genuinamente teatral não apresenta nesse sentido.

Dentre os intérpretes assinalamos a boa presença de Orlando Alves Silva, Herbert Lima de Souza, Cida Carneiro e Zair Nascimento (o melhor de todos, até o último).

Edison Batista não conseguiu pôr de pé o personagem central. Falhou-lhe o velho que a simples caracterização (talvez muito bem feita por José Jansen) não supriu.

Orlando Silva deu um valoroso espetáculo.



Cacilda Becker numa cena de «Pega Fôgo», um dos sucessos da temporada carioca do T.B.C.

Aglhas e Microfones

Doris, Virginia e Cauby

FOI NUMA 4ª-feira, Ligamos para a Tupi. O dia era de festa no «Cariacé», isto porque estava marcada a estreia de Cauby Peixoto, um jovem que provoca desmaios de suas «fãs» e que canta relativamente bem.

Antes da estreia de Cauby, a Tupi apresentou outras atrações. Entre estas um bom programa com Doris Monteiro. Gostamos da audição da conhecida cantora. No intervalo dos números musicais apresentados, o locutor contava episódios da carreira de Doris, o seu aparecimento no rádio, o seu ingresso no cinema. Por seu turno, a intérprete de «Senhar» cantou coisas bonitas, naquele seu estilo melódico, provando que é no momento uma das maiores cantoras brasileiras. Muito bom este programa e oxalá permaneça na programação da G-3.

LCGO DEPOIS chegou o horário de Virginia Lane. A famosa «vedette» está fazendo uma temporada de carnaval na Tupi. Tivemos Virginia cantando sambas e marchas para o período da folia. Mas o seu programa não se limita unicamente aos números musicais. Há também passagens cômicas, onde Maria do Carmo, Orlando Drummond, Nadia Maria e Octavio França dão as cartas.

Embora inferior ao programa de Doris, não esteve mal a audição de Virginia. Talvez a gritaria do auditório tenha prejudicado um pouco.

POR FIM terminamos a nossa ronda radiofônica ouvindo o «debut» de Cauby Peixoto nas emissoras «Associação das». Foi um bonito programa. Cauby recebeu uma ovacão do público. Estava muito emocionado. Falou debaixo dessa emoção.

Carlos Frias saudou o novo ocupante da «taba». Lourdes Mayer, Paulo Porto e Doris Monteiro desejaram felicidades ao cantor de «Blue Gardenia».

E tudo terminou entre confraternizações. Cauby abraçou-se com os seus novos companheiros, enquanto o auditório aplaudia.

EDUCANDÁRIO RUY BARBOSA

CURSOS DIURNOS E NOTURNOS

MATRÍCULAS ABERTAS

CURSO ESPECIALIZADO DE ADMISSÃO

GRATUITO

Preparo intensivo para exame em fevereiro

GINASIAL

CIENTIFICO E CLASSICO ESPECIALIZADO

De acordo com a Portaria 81, do Ministério da Educação, o EDUCANDÁRIO RUY BARBOSA fará funcionar o CURSO COLEGIAL — Com séries especializadas, segundo o exame vestibular que o aluno pretenda prestar.

No ato da matrícula o candidato à segunda ou terceira séries escolherá o plano de curso que mais lhe convenha, dentro os seguintes:

- 1º — Destinado aos candidatos à ESCOLA DE DIREITO.
- 2º — Destinado aos candidatos à FACULDADE DE FILOSOFIA.
- 3º — Destinado aos candidatos às ESCOLAS DE MEDICINA, ODONTOLOGIA, FARMÁCIA E QUÍMICA.
- 4º — Destinado aos candidatos à ESCOLA DE ENGENHARIA, ARQUITETURA E AGRONOMIA.

COMERCIAL BÁSICO

De acordo com a Lei 1.821, de março de 1963, o Curso Comercial Básico confere os mesmos direitos que o CEB 30 GINASIAL.

ACEITAM-SE TRANSFERÊNCIAS

TÉCNICO EM CONTABILIDADE (EX-CURSO DE CONTADOR)

HORÁRIO: — As 17h50m e às 20 horas.
EXIGÊNCIAS: — Conclusão da 4ª série Ginasial ou Comercial Básico.

VANTAGENS: — Além de receber o diploma altamente valorizado, os mesmos direitos de quem conclui os Cursos Clássico ou Científico.

DURAÇÃO: — 3 anos.

RUA GAGO COUTINHO, 25 — Telefones: 25-2608 e 25-6937 — Largo do Machado

CLAUDIO SANTORO NA RÁDIO JORNAL DO BRASIL

Domingo, dia 23 do corrente, às 21 horas, será focalizada a figura do compositor patricio Claudio Santoro, no programa: «Regentes de Todo o Mundo». Na ocasião os ouvintes da Rádio Jornal do Brasil terão oportunidade de ouvir mais uma vez as músicas «Canto de Amor e Paz», «Pontão» e «Chôro» para saxofone e orquestra, que compõem o disco ILP-1001 da Gravadora Independência.

FÁBRICA CONFIANÇA DO BRASIL

ARTIGOS PARA PRESENTES

Um novo e grande sortimento de roupas brancas, cama e mesa, camisas esportivas, gravatas, lenços, cintos, meias para homens e ainda um variado estoque de tapetes paulistas.

Procure a FÁBRICA CONFIANÇA DO BRASIL, à Rua da Carioca, 87, e compre o que precisar e pague a preços de fábrica.

(FÁBRICA PRÓPRIA DE CAMISAS E ROUPAS BRANCAS, CAMA E MESA)

Óculos com lentes
verdes para uso
nas Cr\$
100,00

Óculos Glorinha de
Cr\$ 225,00 por
Cr\$ 145,00

Receita
MEDICA
GRATUITA

consórcio em máquinas fotográficas, binóculos, microscópio, telescópio, etc. — Filmes, revelações, lâmpadas e flashes

Recorre este anúncio, que dará direito a um desconto

SEUS OLHOS SÃO SEU MAIOR TESOURO.

...E A BOA LENTE A VIDA DE SEUS OLHOS!

Proteja-os com os óculos da

ÓTICA S. MIGUEL

LARGO S. FRANCISCO, 23 - 1º ANDAR

DENTADURAS AMERICANAS

DR. JOSE

Segurança absoluta. Faça em 48 horas. Conforto e estética. Quebrou sua dentadura? Calam os dentes? Não tem pressa? Consertamos rápido. — Av. Marechal Floriano, 219 — 1º andar — Tel.: 43-2381 e 40-0282.

Inseparáveis Para os Bancários O Aumento e a Posse da Diretoria

Os bancários cariocas não reuniram-se em grande assembleia na próxima quarta-feira para decidir dois assuntos de máxima importância para eles: a posse da diretoria e o aumento de salários. A proposta ouvidora ontem o novo presidente eleito do sindicato, sr. Huberto Pinheiro, que nos declarou: — De acordo com decisão de assembleia de 28 de dezembro último, o aumento anteriormente reivindicado de 1.200 cruzeiros, que se destina-

va a atender a uma situação de emergência, foi considerado superado em virtude da ausência de resposta dos srs. banqueiros. Agora, tendo em vista o aumento vertiginoso do custo da vida e o término, a 27 do corrente, do último acordo salarial, é necessária uma revisão do aumento em bases mais justas e capazes

Fala à IMPRENSA POPULAR o presidente eleito do Sindicato, sr. Huberto Pinheiro — A suspensão da posse da diretoria prejudicou a campanha eleitoral

de atender à necessidade da corporação no presente momento.

O AUMENTO E A POSSE

A uma pergunta nossa sobre a situação recen-

temente criada pelo Ministério do Trabalho com a suspensão da posse da nova diretoria, disse-nos o dirigente bancário: — Sem dúvida alguma, a suspensão da posse, no dia 10 do corrente, pre-

judicou de muito a questão da revisão salarial. Resolvida a questão da posse, já na assembleia convocada para quarta-feira, podemos concentrar toda a nossa atividade exclusivamente em função da campanha salarial, nas bases fixadas pelos próprios bancários.

PELA UNIDADE

— Estamos certos — acrescentou — que sabremos cumprir o mandato que livre e democraticamente nos foi concedido, executando o programa com que nos apresentamos às eleições. Nossa preocupação será, antes de tudo, aprofundar e consolidar a unidade de todos os bancários em torno da luta por nossos interesses comuns, único meio, creio eu, para assegurar a vitória das nossas reivindicações.

Vida Sindical!

ASSEMBLEIAS

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE ARTESANATO DE COURO — Amanhã, dia 24, segunda-feira, às 17h30 ou 18 horas em segunda e última convocação, na sede, à Rua Quilô, 168 (Penha), haverá assembleia geral extraordinária para apresentação, discussão e aprovação dos novos estatutos.

SINDICATO DOS BARBEIROS E CABELLEIROS — Amanhã, dia 24, em assembleia geral extraordinária, às 8 ou 9 horas da manhã, em segunda e última convocação, a diretoria propôs aos associados aumento de mensalidade.

ENERGIA ELÉTRICA — Amanhã, dia 24, às 18 ou 19 hs., em segunda e última convocação, haverá assembleia geral ordinária na sede do Sindicato dos Trabalhadores em Energia Elétrica e Produção de Gás, onde será iniciada a campanha salarial.

ELEIÇÕES

PARA DELEGADOS ELEITORES

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE INDÚSTRIA DE CIMENTO — De acordo com o dia 20 p.p. até 21 de fevereiro haverá inscrições de candidatos a delegado-eleitor para o Conselho Fiscal do IAPI.

SINDICATO DOS BARBEIROS E CABELLEIROS — Desde ontem, dia 21, e durante 20 dias, estarão abertas as inscrições de candidatos a delegado-eleitor para o Conselho Fiscal do IAPI.

SINDICATO DOS EMPREGADOS DE EMPRESAS DE NAVEGAÇÃO — No secretariado do sindicato já se encontram inscritos para concorrer às eleições, marcadas para 17 de fevereiro vindouro, os seguintes candidatos: Alvaro Costa Dias, Mamede, Cezário Teixeira e Lourenço Carlos Bak.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS — Estão abertas até o dia 26 do corrente as inscrições de candidatos a delegado-eleitor para o Conselho Fiscal do IAPI. Já um candidato já registrado, em torno do qual se reúne a maioria da corporação: Benedito Cordeira, secretário do Sindicato e presidente do Conselho Permanente Regional do Congresso de Previdência.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA IND. DE PRODUÇÃO DE QUÍMICOS — As inscrições para as eleições, marcadas para 27 vindouro e a assembleia de eleição do delegado-eleitor ao Conselho Fiscal do IAPI.

PARA RENOVAÇÃO DE DIRETORIAS

SINDICATO DOS SAPATELÉIS — O pleito eleitoral para renovação das diretorias da entidade terá início amanhã, dia 21, às 8 horas. A votação ocorrerá nos dias 22 e 23. Além da urna central, colocada na sede, onde os associados poderão votar até as 20 horas, funcionarão mais 11 urnas nas principais fábricas existentes dentro da base territorial do sindicato. Concorrerão duas chapas: a primeira, encabeçada pelo associado Carlos Ladeira, e a segunda pelo antigo e estimado líder Plínio Alves, cuja vitória parece provável.

SINDICATO NACIONAL DOS OFICIAIS DE MÁQUINAS DE MARINHA — Convocou eleições para escolha de delegado-eleitor ao Conselho Fiscal do IAPI. As inscrições para as eleições, marcadas para 27 vindouro, estão abertas até o dia 26 do corrente.

SINDICATO NACIONAL DOS OFICIAIS DE MÁQUINAS DE MARINHA — Para as eleições que terão lugar no dia 27 de fevereiro vindouro, foram registradas duas chapas, encabeçadas, a 1ª e a 2ª, respectivamente, pelos associados Antônio Carneiro da Silva, e a 2ª pelo associado Joaquim Ferreira. Ambas colocam em candidatura o sr. Manoel Uchôa Filho ao Conselho da Federação dos Mártires.

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM ESTIVAGEM DE MINÉRIOS — Para as eleições que terão lugar no dia 27 de fevereiro vindouro, foram registradas duas chapas, encabeçadas, a 1ª e a 2ª, respectivamente, pelos associados Antônio Carneiro da Silva, e a 2ª pelo associado Joaquim Ferreira. Ambas colocam em candidatura o sr. Manoel Uchôa Filho ao Conselho da Federação dos Mártires.

Diretorias Eleitas

— A eleição para a presidência do Sindicato dos Trabalhadores em Mineração, realizada no dia 10 de dezembro último, resultou na vitória da chapa encabeçada pelo sr. Manoel Uchôa Filho, que assumirá a presidência da entidade a partir de 1º de janeiro de 1955.

Posse de Diretoria

No dia 29 vindouro será solenemente encabeçada a posse da nova diretoria do Sindicato dos Trabalhadores em Energia Elétrica e Produção de Gás. O atual presidente, sr. Luiz Gonzaga de Miranda, nessa oportunidade apresentará relatório sobre as atividades da diretoria que presidiu.

OUTRAS NOTÍCIAS

No Sindicato dos Carregadores de Bagagens, por 107 votos contra total bastante inferior, foi eleito no pleito de 18 de dezembro último, o sr. Manoel Alves Branco, que assumirá a presidência da entidade logo após o término do prazo para interposição de recursos.

Os carregadores e encadeadores de café, através do seu sindicato, reivindicam aumento de salários a base de 60% sobre os níveis atuais. Já se realizaram os primeiros encontros entre os representantes dos trabalhadores e dos empregadores, não tendo havido ainda termo de acordo. Terça-feira próxima, dia 25, haverá nova reunião para a presidência do sr. Newton Lima, presidente da Comissão de Dissídio do Ministério.

Os trabalhadores na indústria de perfumarias, através de seu sindicato, acabam de conquistar, em acordo firmado com o sindicato patronal, aumento de salários de Cr\$ 1.200,00, cuja vigência retroage a 1º de janeiro deste ano.

NERVOSOS

Do sono. Ansiedade. Fobias. Inquietação. Irritabilidade. Nervosismo. Sentimentos de inferioridade e insegurança. Ideias da loucura. Esgotamento. Dificuldades sexuais no homem e na mulher. TRATAMENTO ESPECIALIZADO DOS DISTÚRBIOS NEUROTÍCOS

CLÍNICA PSICOLÓGICA — 9 de 12 e 14 de 10 - Diariamente
R. ALVARO ALVIM, 21 - 13º AND. - TEL.: 52-3046

Dr. J. Graboia
Membro da "Society for the Psychological Study of Social Issues" - U.S.A.

Mecânico de Máquina de Costura
Conserta, compra e vende máquinas de costura usadas. Reforma em geral - Vende-se máquinas novas à prestação - Tel.: 49-8310

ADVOCADO
HEITOR ROCHA FARIAS
CAUSAS CÍVEIS, COMERCIAIS
DIREITO DE FAMÍLIA E INVENTÁRIOS
Rua do Ouvidor, 169 - S/917 - Tel. 49-6473

MESMO QUEM GANHA POUCO PODE OBTER UMA BOA DENTADURA
Dentaduras com estética e modelagem perfeitas, excelente aderência, (Roches) - LABORATÓRIO DE PROTESE PRÓPRIO - Em casos especiais, dentaduras em um dia apenas - Consertos em 30 minutos - Facilidade de pagamento.

DR. N. ISIDORO
RUA ELPIDIO ROA MORTO, 285 - 1º and. - Tel.: 48-1973 (Trabalha no S.A.F.S. da Praça da Bandeira) - Diariamente, das 8 às 19 horas.

O texto definitivo da Carta dos Direitos Sindicais dos Trabalhadores

O Conselho Geral da central sindical mundial, reunido em Varsóvia, aprovou em sua sessão de 14 de dezembro de 1954, o seguinte texto final da CARTA DOS DIREITOS DOS TRABALHADORES:

“I — DIREITOS DOS TRABALHADORES

Os trabalhadores têm o direito de constituir sindicatos, de se filiar às organizações sindicais, existentes e participar de todas as atividades sindicais, sem autorização nem controle das autoridades públicas e dos empregadores.

Os trabalhadores têm o direito em todos os locais de trabalho como fora deles, de se reunir, discutir e exprimir livremente sua opinião sobre todas as questões que lhes interessam, ler o jornal de sua preferência, divulgar a imprensa e as publicações sindicais e operárias e realizar qualquer propaganda sindical.

Os trabalhadores têm o direito de eleger, em todos os locais de trabalho, tanto nas empresas públicas como privadas, delegados sindicais e de empresa ou dirigente de organizações sindicais de base encarregados de defender seus interesses, bem como serem eleitos para essas mesmas funções.

Têm o direito de se dirigir à organização ou ao delegado sindical por questões sobre todas as questões que afetem seus interesses gerais, particulares ou individuais.

Os trabalhadores têm o direito de participar de toda ação pela defesa de seus interesses, seja através da greve, de manifestações ou de qualquer outra forma de luta sindical. Em nenhum caso, os patrões e os poderes públicos poderão levar em conta a filiação ou a atividade sindical dos trabalhadores, suas opiniões ou convicções pessoais, para estabelecer qualquer discriminação em matéria de contrato, emprego e salário ou para justificar sua demissão e a aplicação de punições.

II — Livro funcionalmente das organizações sindicais

Os membros das organizações sindicais determinam livremente seus estatutos, funcionamento e sem restrições a seus dirigentes e órgãos executivos. As organizações sindicais têm o direito de exercer suas atividades, de acordo com os estatutos, sem interferência nem controle das autoridades públicas ou dos empregadores.

As organizações sindicais têm o direito de convocar reuniões e congressos sindicais, sem autorização prévia das autoridades públicas. Têm o direito de organizar manifestações sindicais, inclusive em praça pública. Têm o direito de convocar reuniões sindicais nos locais de trabalho.

Os trabalhadores organizados nos sindicatos fixam, de acordo com seus estatutos, as mensalidades sindicais que devem ser cobradas nas condições por eles estabelecidas. A mensalidade sindical deve ser livre e voluntária. Somente as organizações sindi-

cais têm o direito de administrar seus fundos sindicais, sem controle das autoridades públicas e dos empregadores. Os fundos sindicais, da mesma forma que todos os demais bens adquiridos pelos sindicatos, não podem ser confiscados em nenhum caso.

As organizações sindicais têm o direito de obter dos poderes públicos sedes permanentes necessárias ao exercício de suas atividades. Somente elas têm o direito de administrar as sedes de sua propriedade ou colocadas à sua disposição. Tais sedes são invioláveis.

As organizações sindicais têm o direito de organizar o trabalho de educação e instrução dos trabalhadores e qualquer outra atividade cultural, criar e dirigir escolas, bibliotecas, clubes e outras instituições sociais, educacionais, culturais, esportivas e de descanso para os trabalhadores.

Os representantes dos sindicatos e os delegados eleitos pelos trabalhadores têm o direito de efetuar suas atividades nos locais de trabalho, sem entraves ou controle das autoridades públicas e dos empregadores. No cumprimento de suas funções sindicais devem estar protegidos contra qualquer punição, medida disciplinar ou repressiva. Quando os trabalhadores residem em casas dos empregadores, nem estes nem as autoridades públicas podem impedir os representantes e delegados sindicais no exercício de suas funções de entrar nas habitações dos trabalhadores.

As organizações sindicais de todas as profissões e ofícios têm o direito de se federar no plano profissional ou industrial, local, regional, nacional ou territorial. Esse

SAUDAÇÃO DOS FERROVIÁRIOS SOVIÉTICOS

Mensagem dirigida ao líder ferroviário Jacy Barreto

Ao líder ferroviário da Leopoldina, Jacy da Silva Barreto, os ferroviários da União Soviética, através da União dos Trabalhadores nos Transportes Ferroviários de sua pátria, enviaram a seguinte mensagem de fraternidade:

«Queira aceitar os nossos sinceros votos de Feliz Ano Novo. Desejamos-lhe boa saúde e muitos sucessos em suas atividades pelo bem-estar dos trabalhadores e pela Paz em todo o mundo. (ass.) E. Cherednichenko — presidente.»

CADA DOIDO COM SUA MANIA

AMAURY continua vendendo barba Brônze de última moda. De 100 a 150 mil. Cr\$ 80,00. De raio especial a Cr\$ 65,00. Mata ruga um belo tecido a Cr\$ 180,00. Frezela em todas as cores a Cr\$ 150,00. Praça da República, 52 - 1º andar.

SAPATARIA CINTRA

Sapatos para Homens e Senhoras
Duas casas ao seu dispor
AV. GOMES FREIRE, 275
Rua do Resende, 51

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

CONSULTAS — Cr\$ 30,00
Tratamento e cura pela hormonoterapia e alta frequência energética. Da velhice precoce, função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.
CLÍNICA DR. SANTOS DIAS
RUA SÃO JUSÉ, 50, 8º andar - Conjunta 903 - Tel.: 32-6230
Enfermagem a cargo de técnico a profissional diplomado
HORARIO — Diariamente, das 14 às 18 horas

ESTA PRÓXIMO O DIA DA GRANDE FESTA DA ALEGRIA POPULAR
SHOW -- MÚSICA -- DANÇA -- DIVERTIMENTOS
Início às 10 horas da manhã
Coroação da RAINHA DO VERAÔ
Local: TRAVESSA TALITA — SÃO GONÇALO

UNIAO DOS OPERÁRIOS MUNICIPAIS
Rua Afonso Cavalcanti, 134 -- Tel.: 32-4990
O presidente da União dos Operários Municipais convocou todos os associados quites da referida União a participarem da Assembleia Geral Especial, em última convocação, de acordo com o artigo 48, item III, na próxima segunda-feira, às 19 horas.
Ordem do dia: 1) Venda de cinco (5) casas da U.O.M.; 2) assuntos gerais.
PRESIDENTE

PEQUENOS ANÚNCIOS

PRECISA-SE

OFERECE-SE

CASA, apartamento ou duas salas em casa de família ou em colônia em Botafogo ou Flamengo, para pequeno curso. Aceita-se também sociedade em Colégio. Telefonar segunda-feira depois do meio-dia, para 25-6539 — Professor Geraldo.

MOTORISTA para camionete de entregas. De preferência quem reside na zona Sul. Telefonar para 17-3605 — Sr. Raul, depois das 12 horas.

AUXILIAR de escritório com prática de datilografia. Rua Carlos de Carvalho, 60-A.

LANTERNISTA — Rua Carolina Machado, 266 — Madureira.

HOMEM para limpeza. Tratar à Rua do Lapa, 14.

MENOR para entregas. Tratar à Rua do Lapa, 14.

TORNEIRO-MECÂNICO. Tratar à Rua Capiberibe, 27 — Santa Crista.

COPEIRA-ARRUMADORA. Av. 23 de Setembro, 44 — Vila Isabel.

PASSADORES para lavanderia. Rua dos Jangadeiros, 37 — Ipanema.

PORTEIRO. Tratar à Rua das Laranjeiras, 304.

POLÍDEOS competentes. R. São Luiz Gonzaga, 368-A.

PASSADEIRA e passador. Tratar à Rua Santa Clara, 261. Copacabana.

ELETRICISTA para obra — Tratar à Rua Piauí, 64 — Todos os Santos.

MOÇA para café. Rua Miguel Couto, 124-A. Largo de Santa Rita.

LAVADOR de automóveis. R. Carvalho de Souza, 268 — Madureira.

MEIO-OFFICIAIS de marcenaria. Av. Amaro Cavalcanti, 1973 — Engenho de Dentro.

MENOR para embalagens — Rua México, 21 — Sala 1.402.

OFICIAL de lanternaria e ajudante. Tratar à Rua Humaitá, 72 — Fundos.

MENINO para recado — Menino para serviço interno. Rua Gustavo de Lacerda, 19 — Sol. (30)

AUXILIAR DE ESCRITÓRIO — Com prática e que escreva a máquina. Exige-se referências. Rua Gustavo de Lacerda, 19. (10)

Horistas da P.D.F. passarão a ser extranumerários

O Prefeito Alim Pedro enviou mensagem à Câmara pedindo crédito suplementar para aproveitar como extranumerários mensais os trabalhadores da Prefeitura.

Representa a mensagem do Prefeito uma vitória dos horistas que, através de sua Comissão de Reivindicações, há muito tempo lutam por sua inclusão nos quadros da Prefeitura. Até o momento não têm situação jurídica definida, podem ser demitidos a qualquer momento sem indenização ou qualquer garantia.

POIU SEU COLARINHO?

Oficina de consertos Ed. Dario, sala 932 ou Maria e Barros, 170-A
Camisa sob medida

BENEFICIADA A "BOND AND SHARE" AS CUSTAS DOS COFRES PÚBLICOS

NITERÓI (Da Sucursal) — Já nos últimos dias de seu governo, conseguiu o sr. Amaral Peixoto fazer com que a Assembleia Legislativa aprovasse o seu projeto entreguista, o de nº 436.

Aquele projeto, que foi aprovado por 23 votos contra 11, autoriza o Poder Executivo a desistir da reversão dos bens da Cia Brasileira de Energia Elétrica (Bond and Share) reversão que deveria ocorrer este ano por força do contrato vigente. O patrimônio da CBEE, que é avaliado em obra de 150 milhões, e que deveria reverter ao Estado, sem qualquer ônus, pelo projeto entreguista continuará em poder da Bond and Share, mediante sua amortização, ficando de 12 milhões de cruzeiros em problemáticas cme-lhorias que a empresa deverá introduzir nos seus serviços.

FOI UM SAQUE, O QUE A POLÍCIA REALIZOU NA FAVELA DO ESQUELETO

VIOLARAM LARES, SAQUEARAM, PRENDERAM ENFERMOS — APREENDERAM FASCAS DE COZINHA COMO SE FOSSEM ARMAS DE FOGO... — FERVE A CÔLERA DA FAVELA — ALI MORAM FAMILIAS, ALI RESIDEM HONRADOS TRABALHADORES



Como os bandos primitivos da Gestapo, os policiais, com o coronel Cortes à frente, invadiram os barracos, não respeitando doentes, mulheres ou crianças

Imprensa POPULAR

Ano VIII ★ Rio de Janeiro, domingo, 23 de janeiro de 1955 ★ Nº 1.410

SERÁ EMPOSSADA NO DIA 26 A DIRETORIA DOS BANCÁRIOS

Impedidos, porém, de tomar posse, 7 bancários — Revivido pelo sr. Alencastro Guimarães, num desrespeito à Constituição, o atestado de ideologia — Choque de polícia militar para intimidar os manifestantes

Os bancários cariocas conquistaram ontem uma vitória parcial, resultado da pressão que exerceram sobre o Ministério do Trabalho pela posse da diretoria eleita de seu sindicato. Não foi total a vitória porque o sr. Alencastro Guimarães, num desrespeito à liberdade sindical, impugnou a posse de sete suplentes, membros da diretoria.

A posse dos membros efetivos, à frente do presidente eleito, sr. Humberto Pinheiro Meneses, realizaram-se, na assembleia convocada para a próxima quarta-feira, quando será lançada a campanha pela elevação de salários dos bancários.

FRAGILIDADE
Enquanto no 12.º andar do Ministério do Trabalho o sr. Cockrat de Sá, diretor do DNT, afirmava, ontem, que os impugnados não tornariam posse porque «professavam ideologias incompatíveis com a ordem democrática», lá em baixo, numa demonstração do tipo de democracia que concebe o atual governo, posturava-se um choque de polícia militar para intimidar o grande número de bancários que ali se reunira para tomar conhecimento da resposta ministerial. Tão revoltante foi o ato ilegal, que revive, num desrespeito ao Congresso, o atestado fascista de ideologia, que mesmo presente no Ministério, o sr. Alencastro Guimarães não se atreveu a aparecer diante dos bancários, mandando que o sr. Cockrat de Sá se explicasse de qualquer jeito.

Ameaça Desabar o Prédio de Copacabana

Mais um prédio de apartamentos ameaça ruir, causando apreensão entre os seus moradores. Trata-se do edifício à Rua Octaviano Hudson, nº 16, em Copacabana, cujas paredes apresentam diversas fendas com inclinações facilmente visíveis. Os moradores, alarmados, procuraram as autoridades municipais e contrataram um engenheiro particular para examinar o prédio, os quais foram de opinião que não há perigo iminente. Para maior segurança, no entanto, o Diretor do Departamento de Obras da Muni-

VOTARÃO AMANHÃ OS SAPATEIROS



Os sapateiros irão às urnas, amanhã e nos dois dias seguintes, para levar à direção de seu sindicato, novos diretores. Concorrerá pelo sr. Plínio Alves, é a que reúne maiores possibilidades de ser eleito, pois é a que reúne o apoio mais expressivo. Na foto vê-se uma comissão de sapateiros de diversas fábricas, que esteve em nossa redação, a fim de recomendar aos seus companheiros que votem no candidato Plínio Alves, que se vê ao centro, falando ao repórter.

A ASSUMIR o poder, o sr. Café Filho quis enganar o povo, dizendo que seria um governo dos humildes... Agora estamos vendo, de verdade, que é um governo, precisamente, contra os humildes. Já não bastam a carestia, a miséria, a fome, o desemprego; é preciso assaltar em massa as habitações dos pobres, arrastar centenas de trabalhadores à prisão, mostrar, mais do que nunca, que é um governo de ódio, de rancor contra o povo.

A HORDA ASSALTOU DE MADRUGADA

Foi o que aconteceu agora a favela do Esqueleto. A horda policial assaltou de madrugada. Os assaltantes, de metralhadoras em punho, invadiram casas, tendas, espalharam o terror, revolveram a intimidade dos lares, roubaram, espancaram, atiraram quinhentos homens dignos a um lugar, no Regimento de Cavalaria, onde se amansam cavalos.

Nada, porém, como o depolimento das famílias, que constituem a esmagadora maioria da favela do Esqueleto. Dois mil barracos se estendem em ruas e becos, aqui e ali, ao pé da armação do hospital que nunca mais foi terminado... Nôles, vivem famílias, pessoas honradas, lares constituídos do que há de legítimo em nosso povo. São lavradores que chegam de Minas, Rio, Alagoas e Sergipe, trabalhadores que procuram a construção civil nesta cidade, mecânicos que são obrigados a abandonar a terra porque a lavoura não dá para sustentar a casa, operários qualificados, feirantes, doceiros, domésticas, gente que honradamente trabalha, perto da qual a chamada «elite» da champagne e dos palácios não passa de um bando de

exploradores, muito ordinário e responsável pelas desgraças de nosso país.

A CÔLERA POPULAR CONTRA A INFÂNCIA

Visitamos um barraco, de uma só peça, que constitui a sala, o quarto de dormir e a cozinha. A senhora, curvada sobre o fogão, preparava o almoço do marido. Duas senhores, sentadas na cama, conversavam sobre os acontecimentos da véspera. A porta, meninos espionavam. De frente do barraco, duas garotas, ao pé das janelas, mostravam os passarinhos que pareciam também conscientes do sucedido. Um galo branco, encaixado, atravessou a rua, e por trás aquela vozinha sentia-se a cólera que mexurava, praguejava, protestava contra o assalto policial.

— Eram cinco e meia da madrugada, disse-nos a senhora do operário metalúrgico, eu estava preparando a marmita para meu marido levar pra fábrica. Foi quando vi pela janelinha, aquela quantidade de carros e soldados no campo. Me assustei. Acordei meu marido. Ele até pensou que fosse exercício

militar, demonstração de ginástica dos soldados. Mas qual! Já eles batiam na porta, entravam pela casa... Foi inútil ao operário mostrar-lhes os documentos de identidade. A horda entrou na favela com braço e grito, desabafando sobre o povo o ódio policial.

Uma das senhoras, lavadeira, levantou-se para dizer-nos: — Eu achei isso uma lei muito fora do regime. Pois era até de roubar as facas, alegando que aprendem armas de morte! Até as facas de cozinha, como se quisessem condenar o povo a cortar a carne com os dentes.

VIOLADORES BRUTAIS

Contavam as senhoras que até os cutelos levaram. Tudo era «poste de arma». A vizinha, que tinha um cutelo para seu trabalho, anda agora, de porta em porta, pedindo uma faca.

Depois que levaram os homens e os atiraram ao campo de concentração que foi improvisado no terreno de frente ao estádio do Maracanã, onde os meninos jogam «pelada», os invasores voltaram às casas e iam «chalar» com as mulheres, perguntando se tinham armas, exigindo café, comendo doces, querendo tomar conta da casa. Para os defensores da civilização cristã, ali não havia família, não havia respeito, nem senhores. E entravam nas casas, de metralhadora em punho, revolvendo colchões, revirando camas. Até ferro de engomar foi desarmado para saber se dentro não havia revolver escondido.

— Nem esperavam que as senhoras se reparassem para abrir a porta, entravam sem respeito, invadindo os quartos. Uma senhora, natural de Minas, contou-nos que uma vizinha só teve tempo de se cobrir como um trapo, diante dos assaltantes.

— Foi mesmo que jogar em cima do corpo uma folha de uva, meu senhor, uma calamidade! Uma senhora de resguardo de parto pediu: «esperem, esperem! Qual nada! Não esperavam. Entravam assim mesmo.

A mulher do metalúrgico acrescentou: — Depois que levaram meu marido, eles voltaram: «Onde estão as armas?», perguntaram. E eu respondi: «Arma aqui, por ora, só eu. Eles insistiam: «Essas facas?». Eu me enraiveci: «Mas estas facas são pra cortar carne, quem levar as facas também?».

— Por que não vão correr as casas dos ricos? Por que não vão catar armas nos palácios? Eles não querem nada com os malandros. Malandros por malandros também não são a maioria dos ricos? Que maiores vagabundos? Olhe, meu amigo, eu sou da bondade que sirva pra gente. Mas bondade é o que o que a gente não vê nesse governo! Eles querem nos expulsar da favela.

O metalúrgico nos contou que, ao lado de cerca de quinhentos trabalhadores, passaram dezesseis horas, sem comer, sem ir às sanitárias, com uma bica escorrendo sobre o piso. Um velhinho, com disenteria, vasando-se, de instante a instante, metia do. Nem uma compressão pelo velho humilhado, por um segundo, aqueles desalmados.

FOI UM SAQUE

Percorremos a favela encolizada, uma senhora nos falou: — Tenho uma vizinha, uma baiana, que vive de fazer doces. Pois levaram o feijão de quebrar oco da mulher. Como pode agora fazer as cozinhas que são o seu ganha-pão? E seu Luiz, um batista,

rondam, como cobras, em volta da velha fazenda. Um juiz quer dar as terras à grileira, cassar o registro da associação dos posseiros que lutam por seu alpin, seu milho, seu chá, seu lar.

A luta continua. 150 famílias saberão resistir. As terras são de seu plantio, por suas mãos trabalhadas, suas e de mais ninguém.

80 Caminhões Encostados No Departamento de Limpeza Urbana

Apenas 35 carros utilizados para os serviços em toda a cidade — O Departamento da Limpeza ga sta vinte dias para um trabalho que poderia ser feito em dois

— «Dança-se de acordo com a música». Não tenho caminhões suficientes, por isso não posso fazer a limpeza da cidade com a presteza necessária.

Foi o que nos declarou o dr. Sotero Reis, diretor do Departamento de Limpeza Urbana, a respeito da sujeira que se amontoa pelas vias públicas.



No coração dos favelados ruga a revolta contra o saque e a humilhação do que foram vítimas

METRALHADORAS PARA «QUEIMAR» O POVO

Depois, a cena do homem tuberculoso que foi arrastado pelas policiais, tossindo. Entrou no carro aos pontapés.

— Na casa de R. Rita, cataram as malas, remexeram a roupa suja, peça por peça, até os baralhões das crianças, e sobre tudo isso as metralhadoras prontas para queimar o povo.

A senhora de Minas Gerais narrou-nos como foi que teve de ir buscar água na bica. Ao sair do barraco, um soldado avançou com a metralhadora.

— Para onde vai? — Vou buscar água na bica. A metralhadora acompanhou-a até a bica. A senhora carregou a lata na cabeça e ao se ir para a metralhadora.

— Enfiaram a mão dentro das latas de tinta para ver se tinha revolver escondido. Depois exigiram sabão e água para lavar as mãos.

BONDADE É O QUE A GENTE NÃO VÊ NESSE GOVERNO

Entravam nas tendinhas, comiam as bananas, faziam lanche, não pagavam nada. A lavadeira, que lava para fregueses de Botafogo, exclamou:

— Por que não vão correr as casas dos ricos? Por que não vão catar armas nos palácios? Eles não querem nada com os malandros. Malandros por malandros também não são a maioria dos ricos? Que maiores vagabundos? Olhe, meu amigo, eu sou da bondade que sirva pra gente. Mas bondade é o que o que a gente não vê nesse governo! Eles querem nos expulsar da favela.

O metalúrgico nos contou que, ao lado de cerca de quinhentos trabalhadores, passaram dezesseis horas, sem comer, sem ir às sanitárias, com uma bica escorrendo sobre o piso. Um velhinho, com disenteria, vasando-se, de instante a instante, metia do. Nem uma compressão pelo velho humilhado, por um segundo, aqueles desalmados.

A cólera da favela ferve naqueles corações, dentro daqueles humildes lares assaltados e ultrajados por uma horda de Café e Juarez.

EXPOSIÇÃO EM PETRÓPOLIS

Será inaugurada, hoje, nos Salões do Colégio Estadual de Petrópolis, a exposição de pintura e desenho organizada pela Associação Petropolitana de Belas Artes.

A mostra, que constará de cerca de 100 pinturas e desenhos de 40 artistas e alunos, permanecerá aberta até o dia 6 de fevereiro próximo.

FOI UM SAQUE

Percorremos a favela encolizada, uma senhora nos falou: — Tenho uma vizinha, uma baiana, que vive de fazer doces. Pois levaram o feijão de quebrar oco da mulher. Como pode agora fazer as cozinhas que são o seu ganha-pão? E seu Luiz, um batista,

rondam, como cobras, em volta da velha fazenda. Um juiz quer dar as terras à grileira, cassar o registro da associação dos posseiros que lutam por seu alpin, seu milho, seu chá, seu lar.

A luta continua. 150 famílias saberão resistir. As terras são de seu plantio, por suas mãos trabalhadas, suas e de mais ninguém.

80 Caminhões Encostados No Departamento de Limpeza Urbana

Apenas 35 carros utilizados para os serviços em toda a cidade — O Departamento da Limpeza ga sta vinte dias para um trabalho que poderia ser feito em dois

— «Dança-se de acordo com a música». Não tenho caminhões suficientes, por isso não posso fazer a limpeza da cidade com a presteza necessária.

Foi o que nos declarou o dr. Sotero Reis, diretor do Departamento de Limpeza Urbana, a respeito da sujeira que se amontoa pelas vias públicas.

FALTA DE VEÍCULOS
Disse ainda o dr. Sotero que metade da frota de caminhões, de que dispõe o Departamento está encostada nas garagens por falta de peças. São em número de 80 os carros parados, só no setor de coleta de lixo nas residências.

— E' preciso cassar o registro dessa Associação. E' o que exigem os grileiros.

150 FAMILIAS SABERÃO RESISTIR
Dias de ansiedade e desassossego atormentam 150 famílias no Ramal do Xerém. Já a safra do «tempo quente» não foi boa por causa das enxurradas. Não há drenagem para o escoamento das águas. As consumições, que formam o grosso trabalho diário do lavrador protegido, sem ferramentas, sem uma máquina de pilar, sem posto médico nem escolas, sem boas sementes, nem boa condução, tudo isso não bastou ainda para a vida atribulada dos roedores.

A viúva Almeida quer pôr o nome de «Penha ou Calção» nas terras para poder roubá-las. Seus prepostos

fazenda, colocando os prepostos da viúva como administradores da «Penha» e «Calção», nomes inventados por eles. Era reconhecer a posse da viúva, era o despejo, o juiz armara outra cilada!

O juiz Ari Pena Fontenele afirmou aos posseiros que não despacharia em favor da grileira, a senhora Carmem Murinho Almeida, viúva do nababo Mário de Almeida. Mas o juiz falou dos dentes pra fora porque lá nos autos está o seu despacho, concedendo o despejo de 150 famílias para que a viúva Mário Almeida seja a dona única das terras.

OS LAVRADORES SE ORGANIZAM

Os lavradores começam a organizar-se. A Associação dos Lavradores Fluminenses vem lutando, naquela zona, pelos direitos de mais de 700 famílias. Contra o despejo do juiz, fez uma contestação. O processo fôz urldo pelos interessados na fortuna de Mário de Almeida, que inventaram a escritura e «testemunhas», e o juiz cedeu. A ameaça do despejo permanece. Os lavradores se mobilizaram e foram em massa a Caxias falar com o juiz.

CHEGA A CAXIAS A MASSA DOS LAVRADORES
Os caminhões, cheios de famílias, chegaram a Caxias às duas da tarde, enchendo a praça. O juiz viu a massa dirigir-se para o Fórum e espantou para a sua residência. Cerca de 150 famílias ficaram concentradas na praça. Foi nomeada uma comissão para procurar o juiz em casa.

O juiz recebeu a comissão e informou que não haveria despejo. Modificou o despacho. Mandara apenas restaurar a administração da

AMBULATÓRIO NO MORRO DO JURAMENTO

O Centro dos Favelados do Morro do Juramento fará inaugurar, amanhã, às 16 horas, em sua sede provisória (Rua Cambui, em Vicente de Carvalho), um ambulatório médico.

Terá o alto caráter festivo.

VISTORIA LOCAL

A comissão voltou para a praça e anunciou as intenções do juiz. A indignação foi geral. Não podiam consentir no monstruoso estupro. A Associação dos Lavradores, por intermédio dos advogados, logo fez a contestação. Proveu que não existe fazendas «Penha» e «Calção». Proveu que os posseiros moram há mais de 15 anos nas terras que cultivam. E fez mais: requereu vistoria local para esmagar a falsidade dos prepostos da viúva grileira. Estes alegavam que os lavradores estavam ali há um ano ou meses.

Nada como as próprias lavradoras para provar o tempo de posse dos roedores. Um pé de laranja, para frutificar, exige pelo menos três

anos e ali estão os laranjais dos, posseiros, frutificando. E assim os pés de café, cujo plantio foi feito há mais de três anos. Os posseiros podem provar que ali está o seu tempo de terra, não unicamente escrito no papel dos autos, mas nas plantações de alpin, de milho, de arroz, de banana e feijão.

O JUIZ QUER CASSAR O REGISTRO DA ASSOCIAÇÃO

A Associação dos Lavradores Fluminenses está despertando os lavradores. Pequenas medidas tem tomado. Conseguiram um vagão para que os roedores levem seus produtos a Belfort Roxo; instalou a escola, ainda insuficiente, porque há muita criança por aprender. Agora pensa adquirir trator e caminhão para o preparo da terra e condução a Caxias, cidade onde os lavradores melhor poderão colocar seus produtos.

A Associação luta, ainda, para que os lavradores tenham isenção de imposto nas feiras e facilidades para vir também ao Rio trazer seus produtos sem serem perseguidos pelo «Rapa».

Isso desespera os grileiros. A raiva contra a organização dos lavradores leva o juiz a afirmar, perante os advogados e duas comissões de residentes:

— E' preciso cassar o registro dessa Associação. E' o que exigem os grileiros.

150 FAMILIAS SABERÃO RESISTIR
Dias de ansiedade e desassossego atormentam 150 famílias no Ramal do Xerém. Já a safra do «tempo quente» não foi boa por causa das enxurradas. Não há drenagem para o escoamento das águas. As consumições, que formam o grosso trabalho diário do lavrador protegido, sem ferramentas, sem uma máquina de pilar, sem posto médico nem escolas, sem boas sementes, nem boa condução, tudo isso não bastou ainda para a vida atribulada dos roedores.

A viúva Almeida quer pôr o nome de «Penha ou Calção» nas terras para poder roubá-las. Seus prepostos

fazenda, colocando os prepostos da viúva como administradores da «Penha» e «Calção», nomes inventados por eles. Era reconhecer a posse da viúva, era o despejo, o juiz armara outra cilada!

O juiz Ari Pena Fontenele afirmou aos posseiros que não despacharia em favor da grileira, a senhora Carmem Murinho Almeida, viúva do nababo Mário de Almeida. Mas o juiz falou dos dentes pra fora porque lá nos autos está o seu despacho, concedendo o despejo de 150 famílias para que a viúva Mário Almeida seja a dona única das terras.

OS LAVRADORES SE ORGANIZAM

Os lavradores começam a organizar-se. A Associação dos Lavradores Fluminenses vem lutando, naquela zona, pelos direitos de mais de 700 famílias. Contra o despejo do juiz, fez uma contestação. O processo fôz urldo pelos interessados na fortuna de Mário de Almeida, que inventaram a escritura e «testemunhas», e o juiz cedeu. A ameaça do despejo permanece. Os lavradores se mobilizaram e foram em massa a Caxias falar com o juiz.

CHEGA A CAXIAS A MASSA DOS LAVRADORES
Os caminhões, cheios de famílias, chegaram a Caxias às duas da tarde, enchendo a praça. O juiz viu a massa dirigir-se para o Fórum e espantou para a sua residência. Cerca de 150 famílias ficaram concentradas na praça. Foi nomeada uma comissão para procurar o juiz em casa.

O juiz recebeu a comissão e informou que não haveria despejo. Modificou o despacho. Mandara apenas restaurar a administração da

AMBULATÓRIO NO MORRO DO JURAMENTO

O Centro dos Favelados do Morro do Juramento fará inaugurar, amanhã, às 16 horas, em sua sede provisória (Rua Cambui, em Vicente de Carvalho), um ambulatório médico.

Terá o alto caráter festivo.

VISTORIA LOCAL

A comissão voltou para a praça e anunciou as intenções do juiz. A indignação foi geral. Não podiam consentir no monstruoso estupro. A Associação dos Lavradores, por intermédio dos advogados, logo fez a contestação. Proveu que não existe fazendas «Penha» e «Calção». Proveu que os posseiros moram há mais de 15 anos nas terras que cultivam. E fez mais: requereu vistoria local para esmagar a falsidade dos prepostos da viúva grileira. Estes alegavam que os lavradores estavam ali há um ano ou meses.

Nada como as próprias lavradoras para provar o tempo de posse dos roedores. Um pé de laranja, para frutificar, exige pelo menos três

anos e ali estão os laranjais dos, posseiros, frutificando. E assim os pés de café, cujo plantio foi feito há mais de três anos. Os posseiros podem provar que ali está o seu tempo de terra, não unicamente escrito no papel dos autos, mas nas plantações de alpin, de milho, de arroz, de banana e feijão.

O JUIZ QUER CASSAR O REGISTRO DA ASSOCIAÇÃO

A Associação dos Lavradores Fluminenses está despertando os lavradores. Pequenas medidas tem tomado. Conseguiram um vagão para que os roedores levem seus produtos a Belfort Roxo; instalou a escola, ainda insuficiente, porque há muita criança por aprender. Agora pensa adquirir trator e caminhão para o preparo da terra e condução a Caxias, cidade onde os lavradores melhor poderão colocar seus produtos.

A Associação luta, ainda, para que os lavradores tenham isenção de imposto nas feiras e facilidades para vir também ao Rio trazer seus produtos sem serem perseguidos pelo «Rapa».

Isso desespera os grileiros. A raiva contra a organização dos lavradores leva o juiz a afirmar, perante os advogados e duas comissões de residentes:

— E' preciso cassar o registro dessa Associação. E' o que exigem os grileiros.

150 FAMILIAS SABERÃO RESISTIR
Dias de ansiedade e desassossego atormentam 150 famílias no Ramal do Xerém. Já a safra do «tempo quente» não foi boa por causa das enxurradas. Não há drenagem para o escoamento das águas. As consumições, que formam o grosso trabalho diário do lavrador protegido, sem ferramentas, sem uma máquina de pilar, sem posto médico nem escolas, sem boas sementes, nem boa condução, tudo isso não bastou ainda para a vida atribulada dos roedores.

A viúva Almeida quer pôr o nome de «Penha ou Calção» nas terras para poder roubá-las. Seus prepostos

fazenda, colocando os prepostos da viúva como administradores da «Penha» e «Calção», nomes inventados por eles. Era reconhecer a posse da viúva, era o despejo, o juiz armara outra cilada!

O juiz Ari Pena Fontenele afirmou aos posseiros que não despacharia em favor da grileira, a senhora Carmem Murinho Almeida, viúva do nababo Mário de Almeida. Mas o juiz falou dos dentes pra fora porque lá nos autos está o seu despacho, concedendo o despejo de 150 famílias para que a viúva Mário Almeida seja a dona única das terras.

OS LAVRADORES SE ORGANIZAM

Os lavradores começam a organizar-se. A Associação dos Lavradores Fluminenses vem lutando, naquela zona, pelos direitos de mais de 700 famílias. Contra o despejo do juiz, fez uma contestação. O processo fôz urldo pelos interessados na fortuna de Mário de Almeida, que inventaram a escritura e «testemunhas», e o juiz cedeu. A ameaça do despejo permanece. Os lavradores se mobilizaram e foram em massa a Caxias falar com o juiz.

CHEGA A CAXIAS A MASSA DOS LAVRADORES
Os caminhões, cheios de famílias, chegaram a Caxias às duas da tarde, enchendo a praça. O juiz viu a massa dirigir-se para o Fórum e espantou para a sua residência. Cerca de 150 famílias ficaram concentradas na praça. Foi nomeada uma comissão para procurar o juiz em casa.

O juiz recebeu a comissão e informou que não haveria despejo. Modificou o despacho. Mandara apenas restaurar a administração da

AMBULATÓRIO NO MORRO DO JURAMENTO

O Centro dos Favelados do Morro do Juramento fará inaugurar, amanhã, às 16 horas, em sua sede provisória (Rua Cambui, em Vicente de Carvalho), um ambulatório médico.

Terá o alto caráter festivo.

VISTORIA LOCAL

A comissão voltou para a praça e anunciou as intenções do juiz. A indignação foi geral. Não podiam consentir no monstruoso estupro. A Associação dos Lavradores, por intermédio dos advogados, logo fez a contestação. Proveu que não existe fazendas «Penha» e «Calção». Proveu que os posseiros moram há mais de 15 anos nas terras que cultivam. E fez mais: requereu vistoria local para esmagar a falsidade dos prepostos da viúva grileira. Estes alegavam que os lavradores estavam ali há um ano ou meses.

Nada como as próprias lavradoras para provar o tempo de posse dos roedores. Um pé de laranja, para frutificar, exige pelo menos três

anos e ali estão os laranjais dos, posseiros, frutificando. E assim os pés de café, cujo plantio foi feito há mais de três anos. Os posseiros podem provar que ali está o seu tempo de terra, não unicamente escrito no papel dos autos, mas nas plantações de alpin, de milho, de arroz, de banana e feijão.

O JUIZ QUER CASSAR O REGISTRO DA ASSOCIAÇÃO

A Associação dos Lavradores Fluminenses está despertando os lavradores. Pequenas medidas tem tomado. Conseguiram um vagão para que os roedores levem seus produtos a Belfort Roxo; instalou a escola, ainda insuficiente, porque há muita criança por aprender. Agora pensa adquirir trator e caminhão para o preparo da terra e condução a Caxias, cidade onde os lavradores melhor poderão colocar seus produtos.

A Associação luta, ainda, para que os lavradores tenham isenção de imposto nas feiras e facilidades para vir também ao Rio trazer seus produtos sem serem perseguidos pelo «Rapa».

Isso desespera os grileiros. A raiva contra a organização dos lavradores leva o juiz a afirmar, perante os advogados e duas comissões de residentes:

— E' preciso cassar o registro dessa Associação. E' o que exigem os grileiros.

150 FAMILIAS SABERÃO RESISTIR
Dias de ansiedade e desassossego atormentam 150 famílias no Ramal do Xerém. Já a safra do «tempo quente» não foi boa por causa das enxurradas. Não há drenagem para o escoamento das águas. As consumições, que formam o grosso trabalho diário do lavrador protegido, sem ferramentas, sem uma máquina de pilar, sem posto médico nem escolas, sem boas sementes, nem boa condução, tudo isso não bastou ainda para a vida atribulada dos roedores.

A viúva Almeida quer pôr o nome de «Penha ou Calção» nas terras para poder roubá-las. Seus prepostos

fazenda, colocando os prepostos da viúva como administradores da «Penha» e «Calção», nomes inventados por eles. Era reconhecer a posse da viúva, era o despejo, o juiz armara outra cilada!

O juiz Ari Pena Fontenele afirmou aos posseiros que não despacharia em favor da grileira, a senhora Carmem Murinho Almeida, viúva do nababo Mário de Almeida. Mas o juiz falou dos dentes pra fora porque lá nos autos está o seu despacho, concedendo o despejo de 150 famílias para que a viúva Mário Almeida seja a dona única das terras.

OS LAVRADORES SE ORGANIZAM

Os lavradores começam a organizar-se. A Associação dos Lavradores Fluminenses vem lutando, naquela zona, pelos direitos de mais de 700 famílias. Contra o despejo do juiz, fez uma contestação. O processo fôz urldo pelos interessados na fortuna de Mário de Almeida, que inventaram a escritura e «testemunhas», e o juiz cedeu. A ameaça do despejo permanece. Os lavradores se mobilizaram e foram em massa a Caxias falar com o juiz.

CHEGA A CAXIAS A MASSA DOS LAVRADORES
Os caminhões, cheios de famílias, chegaram a Caxias às duas da tarde, enchendo a praça. O juiz viu a massa dirigir-se para o Fórum e espantou para a sua residência. Cerca de 150 famílias ficaram concentradas na praça. Foi nomeada uma comissão para procurar o juiz em casa.

O juiz recebeu a comissão e informou que não haveria despejo. Modificou o despacho. Mandara apenas restaurar a administração da

AMBULATÓRIO NO MORRO DO JURAMENTO

O Centro dos Favelados do Morro do Juramento fará inaugurar, amanhã, às 16 horas, em sua sede provisória (Rua Cambui, em Vicente de Carvalho), um ambulatório médico.

Terá o alto caráter festivo.

VISTORIA LOCAL

A comissão voltou para a praça e anunciou as intenções do juiz. A indignação foi geral. Não podiam consentir no monstruoso estupro. A Associação dos Lavradores, por intermédio dos advogados, logo fez a contestação. Proveu que não existe fazendas «Penha» e «Calção». Proveu que os posseiros moram há mais de 15 anos nas terras que cultivam. E fez mais: requereu vistoria local para esmagar a falsidade dos prepostos da viúva grileira. Estes alegavam que os lavradores estavam ali há um ano ou meses.

Nada como as próprias lavradoras para provar o tempo de posse dos roedores. Um pé de laranja, para frutificar, exige pelo menos três

anos e ali estão os laranjais dos, posseiros, frutificando. E assim os pés de café, cujo plantio foi feito há mais de três anos. Os posse



COMPRA-SE POR UM CRUZEIRO UMA PASSAGEM PARA A MORTE

ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL, UM VERDADEIRO SORVEDOURO DE VIDAS — SUPPLICIO DIARIO EM 3 FASES: ESPERA, ENTRADA E VIAGEM NO TREM — CONFESSA A E.F.C.B.: OS ELÉTRICOS VIAJAM COM SOBRECARGA EM DÓBRO — EM CADA 3 TRENS, UM ESTÁ SEMPRE EM CONSERTO — DE 8 EM 8 DIAS OS TRENS VOLTAM PARA AS OFICINAS — CRESCER A POPULAÇÃO E A CENTRAL SUPRIME 40 MIL VIAGENS NUM ANO — INSUFICIENTE O PROJETO DE «REAPARELHAMENTO» DA COMISSÃO MISTA BRASIL-EE. UU. — NÃO VIRÃO TÃO CEDO OS TRENS ENCOMENDADOS EM MARÇO DE 1954 — O PROBLEMA NÃO É INSOLÚVEL; O GOVERNO É QUE NÃO QUER RESOLVÊ-LO

Reportagem de Boris NICOLAEWSKY

Uma estatística sangrenta colhe diariamente seus dados no leito da Estrada de Ferro Central do Brasil. Quedas do trem, corpos que se despedaçam nas grades marginais, choques com centenas de vítimas, esmagamentos nos embarques e desembarques nas plataformas, os fatos vão se repetindo num crescendo impressionante e a E.F.C.B. dia a dia firma seu funesto renome de verdadeiro sorvedouro de vidas.

VIAGEM PARA A MORTE

Por um cruzeiro quase metade dos habitantes do Distrito Federal compra diariamente um bilhete para a morte. Não há palavras que possam descrever fielmente uma destas viagens, nem sequer o inferno que as an-

tecede, a pura e simples espera da condução.

As plataformas sempre regorjitam. D. Pedro II é o melhor exemplo, à noite particularmente. Milhares de pessoas, indiferentes ao aviso «os trens estão correndo com atraso», ou mesmo «não há trens», se acotovela numa desesperada disputa por um lugar melhor já não no próprio trem, mas na plataforma, um lugar que pelo menos lhe dê esperanças de embarcar no segundo ou terceiro trem que porventura apareça.

O trem a na curva de São . go. Não se sabe em que plataforma entrará, mas as ondas humanas começam a voltar em todas elas. A esperança é igual e todos se acercam da linha férrea, se comprime mais ainda. À medida que o trem se aproxima e as chaves de linha abrem e fecham, a revolta percorre mais as plataformas já excluídas e na que foi «premiada», começa a pular e cair passageiros na linha, tal e pressão vinda de trás.

GADO PARA O CORTE

O trem chega depois de horas e horas de atraso. Talvez até ao entrar

na plataforma tenha deixado alguém morto no leito. E quando ele freia começa o indescritível espetáculo. Centenas de corpos se atiram contra as portas, as janelas, embrutecidos, uniformes. Ali já não há mulheres, crianças, jovens e velhos. Há somente seres desesperados, já quase inconscientes, com uma só idéia fixa: entrar no trem. Uns saltam por sobre a grade que separa o trem da plataforma. Outros empurram, bri-

O TEMPO NÃO CORRE

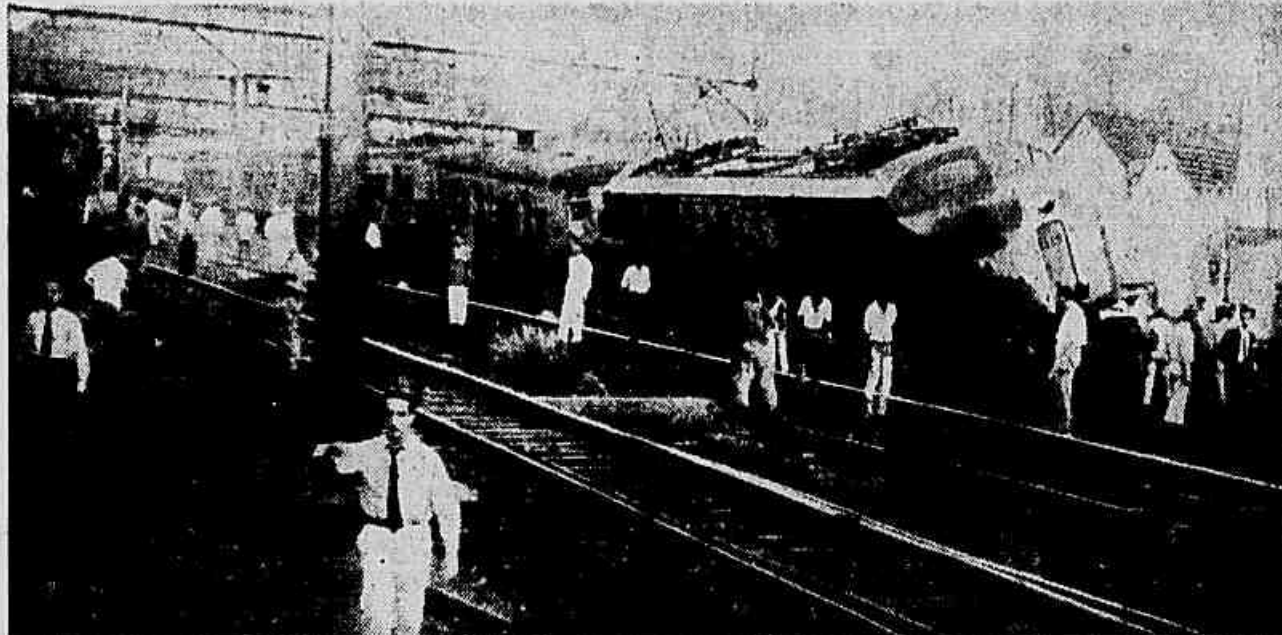
Mas a espera e a entrada no trem são um nada em comparação com a viagem. Centenas de pessoas montam-se aos pés e costas, umas às outras, sem procurar comodidade, sem querer o impossível. Se alguém levanta o braço, só irá abaixá-lo horas depois. Se um pé não conseguiu lugar ao solo, o outro sustentará o corpo cansado durante a viagem. Por vezes, as brigas se suce-

trens suficientes na E. F. C. B.

Deixemos que os números falem, os números fornecidos pela própria direção da Central do Brasil. Os carros elétricos têm uma capacidade normal para 200 e no máximo 220 pessoas. Trafegam comumente com uma média de 375 a 400 pessoas. O número de trens existentes só dá para transportar a metade dos passageiros que deles se servem. Daí derivam todos os demais

plica-o o próprio relatório feito pelo Diretor da E. F. C. B. à Comissão Mista Brasil-EE. UU.:

«Os trens trafegam com sobrecarga em dobro e por isso os motores frequentemente queimam. E' verdadeiramente inacreditável o número de moças quebradas. E' ocorrência comum a volta de trens às oficinas de conservação 8 dias após haverem de lá saído para substituição de molas». Em outras palavras: de 8 em 8 dias os



Desastre na Central é lugar comum. Eles se sucedem quase sem as medidas necessárias para evitá-los. As linhas são muito estreitas e os trilhos muito espaçados e podres

gam para se aproximarem da porta. E quando esta se abre, por vezes durante segundos ninguém entra. São 10, 15 corpos comprimidos em menos de 2 metros de porta. E' como o gado que se aperta no matadouro para primeiro chegar à guilhotina.

dem. E há o calor. E também a angústia geral de uma demora imensa, de um desastre talvez. Os segundos se transformam em horas; as horas de viagem são anos de vida que se perde. Por vezes, e muitas, há os defeitos no trem ou na rede. Um curto-circuito que o desespero geral transforma em boato de incêndio. E os corpos se atiram pelas janelas, se despedaçam nos trilhos, nas pedras.

Isso, em tintas escassas, é uma viagem nos trens da Central do Brasil.

A CAUSA DE TUDO

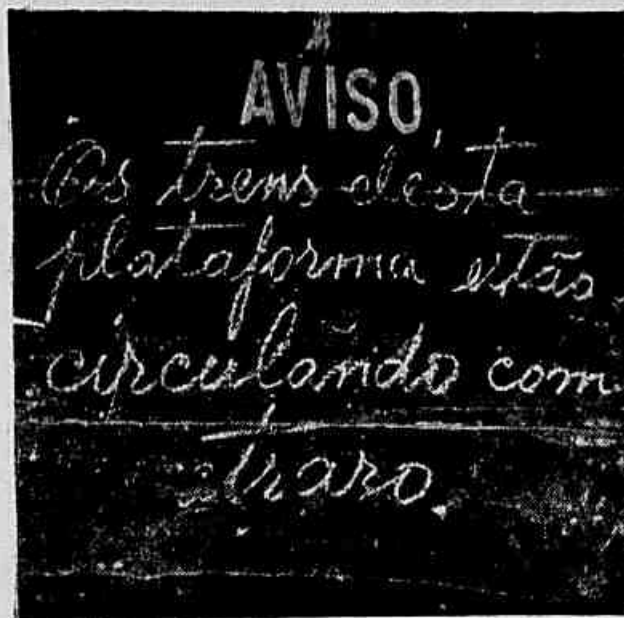
O maior suplicio da população carioca é simplesmente a falta de trens. Apenas por isso o povo arrisca a vida, o trabalhador desgasta suas energias mais que em um dia de trabalho, falta ao serviço, chega atrasado, deixa em casa a família na eterna incerteza de sua volta, tudo por essa questão habitada e debatida. Não há

diariamente, num crescendo impressionante sem que se tomem as medidas necessárias para evitá-los. Os trilhos são muito espaçados e podres

trens da Central vão para as oficinas com as molas quebradas!

CRESCER A POPULAÇÃO DOS SUBÚRBIOS

Por inacreditável que pareça, ano a ano decresce o movimento de passageiros na E. F. C. B.! Em 1949, nada menos de 184.577.000 passageiros utilizaram seus trens. No ano subsequente, o total caiu para 169 milhões. E vem caindo ano a ano cada vez mais. Uma pergunta ficaria no ar: teria diminuído a população nos subúrbios da Central? Não. E' o recenseamento quem o diz. De 1940 a 1950, a população do Meier cresceu em 71,9%; a de Madureira em 54,7%; de Realengo em 80,5%; de Campo Grande em 62,6%; de Santa Cruz 50,3%. Enquanto isso, no centro da cidade, de 108.933 em 1940, a população caiu para 84.253, em 22,6% portanto. O normal seria então que o movimento de passageiros aumentasse no mesmo período em pelo menos 50%. E



Só meçam neste aviso para reavivar suas letras, escritas a giz. Os dígitos nunca mudam

DEMINUI O NÚMERO DE PASSAGEIROS NA E.F.C.B.

Movimento anual nas linhas da E.F.C.B.:

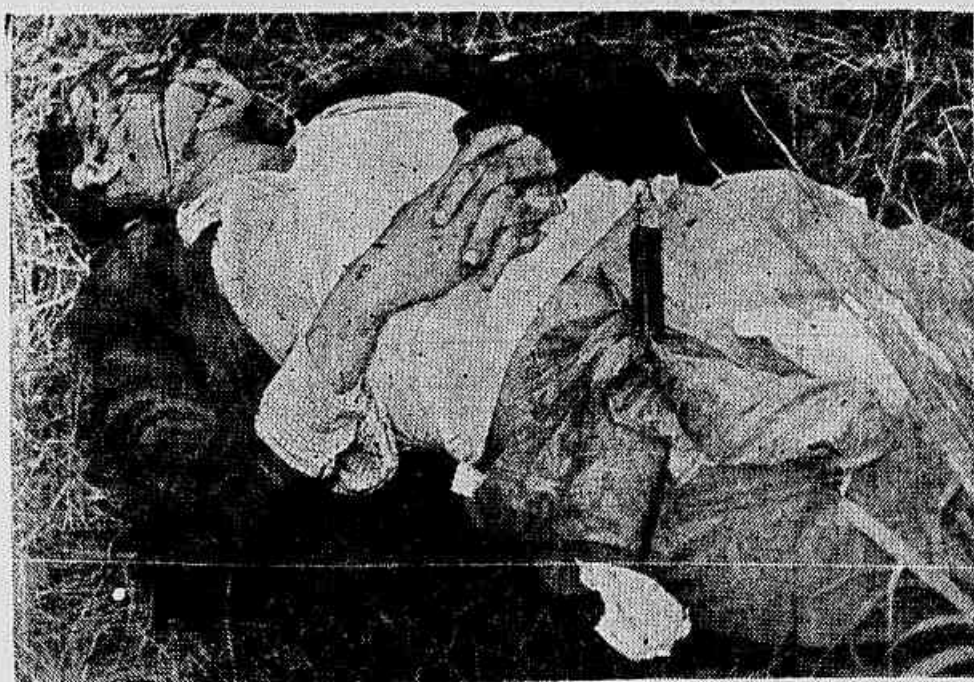
1945	136.135.000
1946	160.710.000
1947	169.427.000
1948	176.154.000
1949	184.577.000
1950	169.239.000

Em 1947, a Central do Brasil transportava 43,6% do total de pessoas que se utilizavam de transportes no Distrito Federal. Em 1950, essa percentagem caiu para 38,1%. No ano de 1951, nada menos de 40 mil viagens suburbanas foram canceladas pela direção da estrada. Dia a dia, a E.F.C.B. vai se tornando mais insuficiente. Enquanto a população cresce, o número de trens diminui.

o que houve foi um decréscimo! Note-se ainda que a tendência ao crescimento da população suburbana acentua-se cada vez mais, com a construção de conjuntos residenciais, fábricas e proliferação de favelas. A Central do Brasil já deve estar assim com um atraso de pelo menos 200% em relação à capacidade que deveria ter para transportar a população dos subúrbios.

OS TRENS NECES-SARIOS

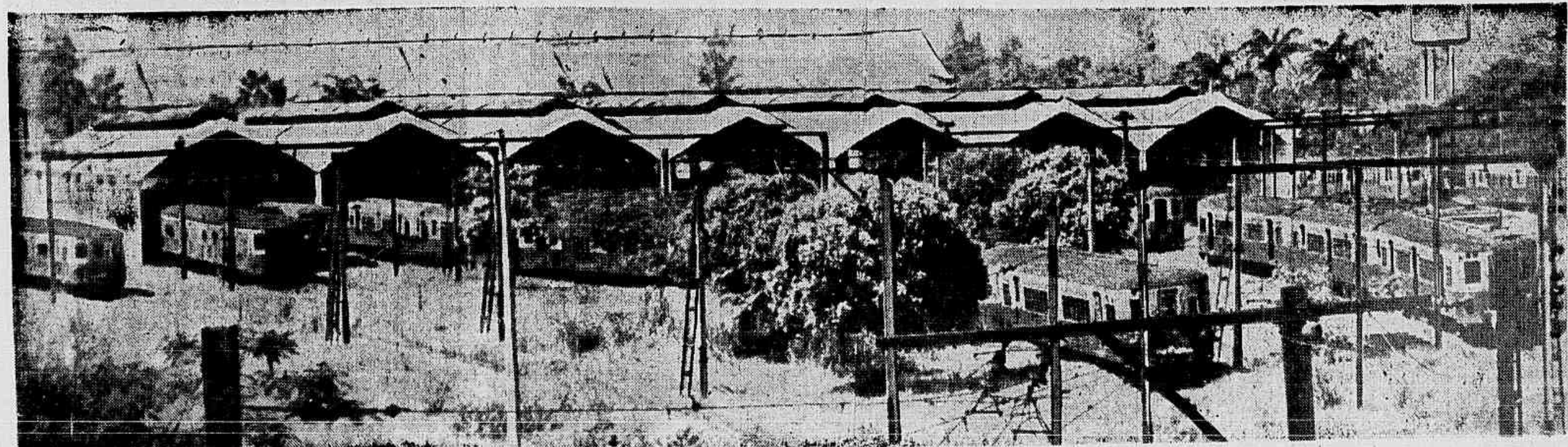
Quantos trens precisaria a Central do Brasil para transportar normalmente, sem maiores incidentes, a população suburbana? Segundo os trabalhos elaborados pela Comissão Mista Brasil-EE. UU., com dados relativos ao ano de 1950, pelo menos mais 300 novos carros (100 unidades CONCLUI NA 2ª PAG.



Waldyr Cunha de Oliveira, jovem operário de 17 anos, viajava nos trens da Central. Na foto, seu cadáver, ao lado da linha férrea



O esforço para entrar no trem equivale ao que se dispõe num dia de trabalho, sem sonhos de esgarço



As oficinas de elétricos da E.F.C.B., localizadas em Deodoro. Todo trem passa por ali de 8 em 8 dias. Há sempre um terço dos trens da Central nas oficinas. E' o que revela o próprio relatório da E.F.C.B. à Comissão Mista Brasil-Estados Unidos

«Portão Fechado»

Dalcídio JURANDIR

O noticiário dos supostos, tão fácil no registro dos livros, na repetição dos louvores, quase nada falou de «Portão Fechado», da Sra. Maslowa Gomes Venturi. A edição (Ed. Brasiliense) de 1953, Cota que ninguém aqui no Rio tocou no romance. Em São Paulo, suponho, teria sido alguma nota ou um comentário mais sério. O resto, não há dúvida, foi silêncio.

Muito injusto tudo isso, porque a autora de «Portão Fechado» merece um destaque entre os melhores ficcionistas brasileiros. Apresenta-nos, em seu livro, cenas e quadros com um realismo e um domínio da composição inimitáveis.

O romance situa-se, alternadamente, em 1933, 1935, 1936 e 1937. Os episódios intercalam-se, levando o leitor, ora a 1933, logo a 1935, depois voltando a 33. Essa distribuição de tempo no romance requer, decerto, habilidade e a soube ter a romancista.

Em «Portão Fechado», escrito com muita sensibilidade e experiência, são frequentes a discreção de estilo, a delicadeza feminina ao dosar as situações, o gosto de omitir quando é preciso e de jogar com o ponto de vista de seus personagens. Sobre o acontecimento, dando-lhes maior autenticidade.

A Sra. Maslowa Gomes Venturi voltou-se para um tema novo ainda no romance brasileiro — o tema das lutas revolucionárias — por isso mesmo difícil, que exige não apenas um agudo conhecimento da realidade como também suficiente assimilação ideológica. Os romancistas, que se voltam para esse tema, fazem a sua melhor escolha, encontram o melhor caminho do nosso romance, dando-nos a imagem dos episódios e problemas que constituem, na hora presente, o aspecto dinâmico de nossa vida social.

A Sra. Maslowa Gomes Venturi não procurou abarcar no seu livro todo o quadro histórico dos acontecimentos de 1935, época em que situou o romance, destacando os conflitos entre aqueles personagens da pequena burguesia que se incorporaram à luta revolucionária. E para melhor acentuar os sentimentos e idéias próprias desses personagens, a romancista escolheu uma atmosfera de derrota e perplexidade que poderia suceder logo após o movimento de 35, em São Paulo. A. e que se desdobra toda a fabulação, embora haja episódios anteriores a 35 necessariamente a dar relevo ao drama em que mais se detém a romancista. Por isso mesmo, a maior parte do livro cuida dos aspectos negativos desse e daquele personagem, preferindo a romancista pintar os «maus» caracteres que os «bons».

Dois personagens, da classe média atacam como revolucionários. A romancista narra as suas vidas, mostra-nos na luta. Em Salvador, o médico, sentindo formar-se um homem novo, com as resistências ainda de sua origem, e um problema sentimental, ou de instinto, como prefere a romancista, que esbarra com as idéias novas do personagem no íntimo combate por sua «educação comunista».

Em Eduardo, o processo de desagregação e cuidadosamente urdido. O retrato nos parece mais trabalhado, mais expressivo, ao mostrar-nos, pouco a pouco, um impostor, um traidor, despertando a nossa vigilância, a nossa repulsa e ódio. Poderia observar que a romancista não fugiu à velha inclinação do realismo crítico, me fazendo lembrar a opinião de alguém de que é mais fácil pintar um monstro que um anjo... Isto, porém, não é censura. No caso de «Portão Fechado», o que se exige, na pintura do «falso» ou do «bom», é o poder de verosimilhança, a força de convencer e isto foi obtido pela romancista.

Bem precisa é a observação, quando a mulher de

Eduardo pensa a respeito do marido: «quanto mais se baixava, mais sozinho, mais dela». Mulher e marido formam um par típico da classe humana lançado em meio de autênticos lutadores como Eduardo e João. A romancista enfrenta bem a complexidade dos conflitos, até mesmo se compraz em demorar-se neles mais do que necessário, algumas vezes, querendo dizer-nos: «Aqui estão pessoas com seus atos e pensamentos que não devemos confundir com os atos e sentimentos revolucionários. Aqui estão problemas que não devem ser ignorados dentro da luta. Mas também presente está a força revolucionária que se depura sempre eliminando, cedo ou tarde, os elementos vindos por exclusiva aventura, torvo resplendor do ambiente mudo. Não se sentiu, apesar dos tipos negativos que ordenam, «Portão Fechado», sendo um autêntico vazio literário, é uma lição positiva.

Diante de Salvador, Marcela, por exemplo, pensa assim: «A retidão de seus atos tornava mais mesquinha a deslealdade e mais sordida a covardia». Salvador sempre se, pois, «sua atividade toda se desdobrava no sentido de sempre dar, porque dentro dele era insustentável a fonte da generosidade».

As figuras femininas movem-se com espontaneidade e calor. Vemos o amor a Eduardo que leva Anamaria ao suicídio, a estreiteza patética, odiosa, de Marcela, o primitivismo de

Bela, cuja mágoa «acabava tão de súbito como uma chuva de verão». Sobre Anamaria, diz a romancista: «Ela tomava um a muito tempo a perplexidade». Essas observações são correntes no livro, dando em relevo a delicada percepção da romancista.

Será possível anotar no romance alguns diálogos supérfluos, imprecisos no que toca a esta e aquela observação política, ao analisar, um pouco isoladamente, situações extraídas de um quadro complexo e articulado como já é o da luta revolucionária em S. Paulo. Mas convém atentar que a romancista escolheu a sua «atmosfera», teve a sua preferência, o seu gosto, falou cênicamente do que pôde, soube ver e sentir.

Por efeito da técnica que utiliza, poderá a romancista, algumas vezes, parecer impessoal, quase neutra dentro da narrativa. Mas isto só é, repito, a conta de seu processo de narrar, o livro, sente-se de que lado está a romancista. Mostramos os inimigos que procuram atingir a revolução em seu próprio seio, indicamos em Salvador o exemplo do homem que atravessa crises, enreda-se em contradições mas avança. A cena final, quando o Salvador, saindo da prisão, encontra o velho operário numa rua de São Paulo, tem um vigoroso acento de emoção e veracidade em que a romancista abre o seu coração.



Gravura de Glenio Bianchetti, do Clube de Gravuras de Pôrto Alegre

1 CONGRESSO NACIONAL DOS POETAS TROVADORES

Mais de 5.000 pais de família vivem da poesia popular — Em junho, na Bahia, a reunião dos trovadores, inspirada pelo III Congresso Brasileiro de Escritores

Reportagem de Zora SELJAN

Uma canoa com tódo de palha, passava entre os «gaiolas», os «alvarengas» e os «vaticanos», ancorados no cal de Manaus. Lá para dentro, dentro das embarcações ou de outras menores e nas escadas de pedra, para vender folhetos. Seguiu até a Praia do Mercado e ali também, detinha-se nas casas flutuantes ou nos batéios dos mascates. Quando conseguia aborá-la só havia um resto de estoque.

Depois, foi no Vêr-O-Pêso. Enquanto as velas de tantas cores, seavam abertas e unidas, os homens se juntavam ouvindo um poeta cantar. Quando a maré encheu, os íates que partiram para as ilhas, para o Tocantins ou Marajó, levaram entre os sacos de mantimento, exemplares das últimas edições.

E assim fui reparando nos fascinantes mercados das cidades, desde São Luiz até Vitória, a importância deste comércio de livros. Numa tarde de domingo, em Fortaleza, sentei-me de baixo de uma cobertura de palha, ouvindo um desafio. Eram dois jagadeiros cantando ao som do ganzá. Ofe-

reclam seus folhetos, improvisando versos e sacudindo a cabeça e o corpo em um ritmo estranho emaranhado de tubos chocalhantes, fitas e espelhos. Na Feira dos Passarinhos, em Maceió, os cegos cantavam melancólicas histórias de amor e encantamento ou os ABC da caracota e do imposto.

O CONGRESSO DOS TROVADORES Na Bahia, encontro num jornal, a notícia da preparação do I Congresso dos Trovadores, visando criar a «Associação dos Trovadores, Violeiros e Vendedores de Histórias em Versos». Sal indaguei de uns e outros, até que Djaniira e Mota me apresentaram a Rodolfo C. Cavalcante, o iniciador do movimento.

Fomos encontrá-lo na Praça do Mercado, cantando versos, com seus folhetos de acarajé e folhas de pitanga. Era o último dia do ano e nós também carregávamos os ramos verdes que dão sorte. Parecíamos, assim reunidos, um quadro da querida pintura. E conversamos com ele e outros trovadores nossos

problemas comuns, nossos sonhos, nossa confiança no povo. Eles desejam moralizar a poesia popular, dar-lhe um caráter patriótico, exigir proteção do governo, defender nossos costumes, nossa tradição.

A idéia do Congresso nasceu quando os escritores realizaram o Congresso da ABDE, em Salvador. Desde então Rodolfo vem lutando pacientemente para convencer seus companheiros e divulgar a idéia. Agora está a caminho do êxito. Os jornais da Bahia abriram-lhe as colunas e as adesões não só dos trovadores como também de artistas e intelectuais, chegam todos os dias.

O Congresso será realizado em junho e presidido por Origens Lessa. A notícia da conferência dita por ele, no curso da ABDE, chegou a Bahia movendo os trovadores. Qualquer dia Origens entra num ABC. Rodolfo fala nos seus amigos do Rio, Origens, Antônio Maria, Luiz Gonzaga e Marisa Lira que o incentivaram a prosseguir nos trabalhos. Dessa entrar em contacto com outros intelectuais.

A VOZ DO TROVADOR Pelo Brasil afora, do trapico ao Equador, nesta parte tão nossa, noite a dentro, alguém canta ao som do ganzá. É a rádio do povo, o jornal em versos, que fala da carestia, da carta de Getúlio e do sucesso de Maria Rocha.

Mais de 5.000 pais de família, vivem da poesia popular. 50% dos alfabetizados aprendem a ler nos ABC dos trovadores. Assim como acontece com os escritores, estes poetas estão sofrendo e desejam melhorar suas condições de vida e de trabalho. O milheiro de folhetos de 8 páginas, custa Cr\$ 300,00 para ser impresso. E vendido a Cr\$ 500,00. Sobre para o autor, portanto, sendo ele também editor apenas Cr\$ 200,00. Mas nem toda a edição é vendida e um autor não dá conta de vendê-la sozinho, precisando recorrer aos revendedores. Se levamos em consideração o preço do folheto e o tempo de trabalho necessário para escrever, imprimir e vender, verificaremos um exemplo impressionante de abnegação e amor a poesia.

Um jornal, intitulado a «Voz do Trovador», foi fundado como propaganda do Congresso. Nas suas páginas, Rodolfo C. Cavalcante, explica que a Sociedade quer dar a voz a um autor não dá conta de vendê-la sozinho, precisando recorrer aos revendedores. Se levamos em consideração o preço do folheto e o tempo de trabalho necessário para escrever, imprimir e vender, verificaremos um exemplo impressionante de abnegação e amor a poesia.

Estou seguro de que terão todo o êxito e formarão a almejada sociedade. Rodolfo C. Cavalcante, conquistou nossa amizade. Seu entusiasmo e vontade de melhorar a situação dos trovadores nos comoveu. Djaniira vai fazer-lhe o retrato e eu não me esquecerei jamais da sua figura romântica declamando para nós, o poema «Tendo ao meu lado Maria», que termina assim:

«Vi Victor Hugo escrevendo «Os Miseráveis» confuso, Emílio Zola: «Eu Acuso» Querendo e não querendo. Vi Jorge Amado dizendo: «Terras do Sem Fim, a Bahia»

Vi Castro Alves na floresta Dizer: «a Praça é do povo» Já digo e digo de novo Tendo ao meu lado Maria».

QUE ACONTECERÁ EM 19...?

EM SEU NÚMERO DE 1º de janeiro, a revista soviética «Ogonhoc» oferece aos seus leitores um artigo muito interessante de antecipação eminentemente pacífica do futuro.

Não se trata de sonhos vãos. Em algumas palavras introduzidas ao artigo, «Ogonhoc» explica o método empregado: os correspondentes da revista entrevistaram certo número de sábios e de especialistas e, em cada uma dessas entrevistas, ouviram, por assim dizer, «a voz do futuro». Transportaram-se ao tempo em que as pesquisas atualmente em realização terão frutificado, quando seus resultados estarão fazendo parte da vida diária. «Não se trata — diz a revista «Ogonhoc» — de sonhos vãos, mas de pensamentos e esperanças fundadas nas conquistas atuais da ciência. E onde poderão tais sonhos transformar-se em realidade, senão no país do socialismo? Nós estamos certos disso: assim será!»

O artigo é apresentado sob a forma de reportagens curtas sobre essas «atualidades» futuras, reportagens colocadas sob a égide de cada sábio ou especialista consultado.

A ERA DA ABUNDANCIA

Estamos, pois, num ano qualquer do próximo século XX. Conheceremos então a era da abundância. Graças ao desenvolvimento da ciência mitchuriana, as fronteiras «naturais» da localização das plantas foram quebradas. A flora meridional invadiu o Norte. Fala-se comumente nas uvas de Moscou, nas cerejas de Leningrado e nos tomates de Arkhangelsk. O milho «agressivo» conquistou centenas de milhões de hectares em regiões onde antes os colônias os conheciam apenas de nome.

Descobriram-se plantas que, nos países mais quentes, logo que se desfaz a neve, brotam e fornecem alimentos verdes em quantidade. As colheitas que ainda recentemente constituíam recordes, tornaram-se moeda corrente. Por outro lado, o homem descobriu o segredo da natureza: a fotossíntese e a indústria fabrica artificialmente albuminas, carbohidratos e gorduras.

O REGENTE DE ORQUESTRA DAS FÁBRICAS AUTOMÁTICAS

A segunda das reportagens nos fala do controle eletrônico. Faz-nos penetrar em um centro de telecontato, onde um homem está sentado no meio da sala, numa espécie de púlpito de regente de orquestra. Efetivamente, é um regente de orquestra cujos instrumentos são as fábricas, as minas, os helicópteros, etc., que ele dirige harmoniosamente de seu posto. As fábricas não obrigam pessoa alguma e estão fechadas a chave. Ali tudo funciona automaticamente. Se acontece um acidente qualquer, este é imedia-

tamente assinalado no mapa do regente, que envia sem demora, por um helicóptero telecontrolado, alguns controladores e encarregados dos consertos. Poucos instantes mais tarde, o sinal verde anuncia que o serviço de conserto está terminado e a oficina é posta novamente em funcionamento.

Praticase atualmente a gasificação subterrânea do carvão, com a qual se obtém Menderleier, e é este gás que serve de combustível barato para milhares de centrais elétricas. Em outras usinas a extração se faz por meio de máquinas combinadas teledirigidas ou ainda por meio de água. Existem também aparelhos reguladores telecontrolados, etc.

TRES COLHEITAS POR ANO

«Três colheitas por ano» — anuncia a terceira reportagem. Gigantescas usinas elétricas do Volga fornecem eletricidade barata e alimentam milhares de grandes estufas que povoadam agora os campos de Moscou. Em pleno mês de dezembro, sob a luz diurna artificial, combinada com a luz solar, amadurecem frutas e legumes e se tem três colheitas por ano. Vagas de gás ciliço permitem a maturação acelerada (de três a cinco dias em vez de três semanas). Ali são cultivados durante todo o ano melancias sem sementes... e que flores!

Somos transportados, a seguir, na manhã clara e ensolarada, ao antigo deserto de Kara-Koum, que um trem elétrico corta atualmente de norte a sul e em cujo centro se ergue a grande cidade de Dardasa. A agricultura, a indústria, (especialmente a do petróleo) prosperam. Uma jovem turcomena explica o que se passou, mostrando em pleno campo uma grande máquina em ação, que possui ao mesmo tempo escavadora gigante e irrigadora gigante: as dunas foram niveladas e a areia foi regada com um líquido betuminoso, subproduto do petróleo, que, ao solidificar-se, forma uma crosta que fixa a areia, deixa penetrar a umidade e impede a evaporação. Preserva assim o solo do superaquecimento e permite a germinação. Foram plantadas árvores que, por sua vez, contribuem para acabar com o deserto.

O ELIXIR DA LONGA VIDA

Sob o título «O Elixir da Vida», um desenho representa uma personagem de cabeça farta e barba cerrada, ambos de um negro lúcido; de pé diante da mesa de família, diante de um bolo de aniversário sobre o qual se lê o número 100, ele toma conhecimento de um telegrama: «votos de muitos anos de vida e de trabalho ao transcurso de seu centésimo aniversário. Acha aquilo muito natural, explica-nos o repórter. Agora, vive-se normalmente de 120 a 150 anos, conforme a natureza. Por que? Porque se conseguiu, suprimindo as doenças da infância, permitir

um desenvolvimento extraordinário dos vasos capilares que alimentam as células nervosas — notadamente o cérebro — que antes sofriam toda espécie de doenças. Por outro lado, um remédio barato incrementa nos adultos a atividade dos vasos capilares, prolonga seu desenvolvimento em todos as épocas da vida. A Endocrinologia contribui com os progressos feitos nesse entrecampo. Nada mais de perda de memória, arterio-esclerose, calvície, cabelos brancos, etc., e não mais é possível distinguir um homem de 80 anos de um de 30.

Graças à utilização das correntes térmicas verticais aéreas, das «vagas de ar» que se formam acima das montanhas e que se descobriu existirem também na estratosfera, percorre-se em planadores centenas de milhares de quilômetros. O planador tornou-se o meio de transporte mais prático para a excursão dominical... a longa distância ou para a grande viagem turística.

Por outro lado, verificamos que os estudos das estações experimentais permanentes sobre os gelos flutuantes do Polo Norte desenvolvem-se agora igualmente sobre a terra firme e mais fria do Polo Sul, para grande satisfação dos geólogos.

CIDADE SEM FUMAÇA, CIDADE-JARDIM

A oitava das reportagens leva-nos à cidade sem fumaça, a cidade-jardim, entre árvores frutíferas e flores. Do telhado de uma casa alta vemos inúmeras chaminés mas nem um fio de fumaça. Que aconteceu? Emprega-se atualmente «serenas» que lançam nos fogões a carvão os ultra-sons: estes provocam um movimento muito violento das partículas microscópicas dos combustíveis que, antes, envoltas numa carapaça de gás, não podiam arder e formavam a fumaça e as poeiras do carvão e que hoje são quase inteiramente consumidas, com a quebra de sua carapaça gasosa devido ao choque. As que subsistem são, graças à mesma descoberta, aglomeradas durante a sua passagem pela chaminé e assim não podem escapar aos depuradores que ali as apanham.

Na cidade «sem fumaça», as máquinas gastam-se mais lentamente e as pessoas tem rostos mais corados!

Por fim, uma última viagem mostra-nos os progressos realizados, graças aos químicos, na produção de tecidos artificiais. O «acron» (nylon soviético), e outros tecidos, adquiriram imenso sucesso em vista de sua resistência e de sua leveza. Com um metro cúbico de madeira fabrica-se excelente lá em quantidade igual à proveniente da tosa de trinta carneiros de raça em um ano...

Mas como o autor não deseja arrastar os seus leitores para além da realidade imediata, acrescenta: o algodão não perdeu o seu cetro e neste ano feliz dos tempos futuros... e próximos, obtem-se dele um rendimento sem precedentes, e por hectare!

COMPRA-SE POR UM CRUZEIRO...

(Conclusão da 1ª pag.)

des) seriam necessários. Foi excluída desse cálculo a linha Rio Douro e a previsão feita para os 3 anos posteriores a 1953 foi de um crescimento de apenas 13% na população suburbana, porcentagem evidentemente pequena, pois só o Meier, em 10 anos, cresceu em mais de 70%. Naquela ocasião (1953), a Central tinha 288 carros. De lá para cá, seu número não aumentou. Conclui-se assim que a E. F. C. B. deve necessitar de pelo menos 600 carros para atender à população.

O PROJETO DA COMISSÃO-MISTA

No projeto de reaparelhamento da E. F. C. B. que apresentou ao governo, a Comissão Mista Brasil-EE. UU. propunha uma série de medidas entre as quais a compra de vagões a que acima aludimos. Esse projeto, de número 23, foi aprovado pelo governo em 9 de janeiro de 1953 e seu custo se faria através das seguintes medidas: 1) Financiamento a ser pleiteado do Banco Internacional (norte-americano), no montante de US\$ 16.600.000,00 (dezesseis milhões e seis-

centos mil dólares); 2) Abertura de um crédito especial de 150 milhões de cruzeiros a ser distribuído ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, para financiamento do programa de equipamento do transporte suburbano; 3) Negociar um empréstimo entre a E. F. C. B. e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico para complementar o financiamento do referido programa.

Por trás de tudo isso estão os juros extorsivos que o Banco Internacional lanque cobraria pelo empréstimo dos 16 milhões de dólares, além da exigência de escolher quem forneceria os materiais necessários. Em resumo, através desse vultoso empréstimo, os americanos do Banco Internacional ficariam praticamente com o controle da Estrada de Ferro Central do Brasil.

O CONTRATO FEITO

Depois de aprovado pelo governo brasileiro, o projeto de reaparelhamento do tráfego ferroviário suburbano, a Central do Brasil concluiu com a Metropolitan Vickers, um contrato de compra de 300 carros elétricos, pelo

preço de quase 20 milhões de dólares. Foi estabelecido na ocasião que os primeiros 34 trens construídos deveriam ser entregues em meados de 1955. Entretanto, até mesmo essa atrasadíssima e insatisfatória entrega será retardada, conforme já noticiaram há tempos os jornais. Por motivos que ainda não são do conhecimento público, a Metropolitan Vickers só no fim do ano em curso, segundo promete, fará entrega dos primeiros vagões. E sobre a montagem de 100 destes 300 vagões em nosso próprio país, com material fornecido pela Metropolitan (consta do contrato), não se tem notícias sequer.

Portanto, durante muito tempo ainda a Central do Brasil continuará com os mesmos e imprestáveis trens, ceifando vidas diariamente.

A «BONDADE» DOS IANQUES

A primeira vista poderia parecer ao leitor desavisado que a Comissão Mista Brasil-EE. UU. apresentara a solução para o problema do tráfego suburbano na E. F.

C. B. Mas essa não é a realidade. Seus estudos estão aquém da necessidade, pois omitem muita coisa. Por exemplo: a necessidade de substituição dos trilhos velhos e desgastados, a revisão dos dormentes, podres e muito espagados, sem oferecer segurança, o reaparelhamento e ampliação das oficinas de elétricos em Deodoro, etc. Todas essas outras providências, além da construção de novas linhas, pois as atuais mal comportam o pequeno número de trens, foram esquecidas pela Comissão Mista. A única providência lembrada foi a compra de um número insuficiente de vagões, que até agora ainda não apareceram.

Por que então teriam os americanos interesse em fazer «planos de reaparelhamento» do tráfego suburbano? Só para aconselhar a compra de 300 vagões elétricos em uma empresa construtora inglesa? Evidentemente há dente de coelho na questão. E é isso justamente que traz luz ao problema, que mostra o desinteresse que hou-

ve por parte da Comissão Mista em realmente solucionar o angustiante problema da população suburbana.

ONDE ENTRAM OS MINÉRIOS

A Estrada de Ferro Central do Brasil não tem apenas a linha suburbana. Se tivesse, para ela não daria bola a Comissão Mista. Mas o X do problema é que é justamente através das linhas Rio-São Paulo-Belo Horizonte da E. F. C. B. que se faz o escoamento para os portos, dos minérios saqueados em nosso país pelos norte-americanos. Fica aí clara a questão. No tocante à E. F. C. B., o interesse dos lanques da Comissão Mista é reaparelhar de fato, não as linhas suburbanas, pois isso não lhes dá lucro algum, mas sim as linhas por onde são transportados seus minérios.

O projeto de reaparelhamento da linha suburbana não foi o único aprovado pela Comissão Mista Brasil-EE. UU. Outros cinco projetos foram também, todos eles para serem postos em execução mediante

empréstimos do Banco Internacional ou do Banco de Exportação e Importação (EXIMBANC), ambos dominados e dirigidos pelos trustes ianques, os mesmos que saqueiam nossos minérios e outras matérias-primas. A execução destes projetos e não o de reaparelhamento da linha suburbana, é o que interessa aos bancos e magnatas norte-americanos.

OS CINCO PROJETOS

Os cinco outros projetos da Comissão Mista advogam em resumo o seguinte:

Projeto A) — Prolongamento dos desvios em Conselheiro Laffayette, Minas Gerais. Nesta cidade estão as minas de ferro da Meridional (United States Steel). Despesas: US\$ 62.294,00 e Cr\$ 18.092.841,00.

Projeto B) — Remodelação das linhas entre Rio, São Paulo e Belo Horizonte. Substituição de 389.000 dormentes dos espaçamentos dos atuais dormentes, substituição de 644 quilômetros de trilhos desgastados, lastramento de ...

1.000 quilômetros de linha, etc. Despesas: ... US\$ 1.531.357,00 e ... Cr\$ 652.278.000,00.

Projeto C) — Construção de uma oficina para reparação de locomotivas.

Projeto D) — Construção no Rio de uma estação terminal para triagem de carga com capacidade para 700 carros, para atender à entrada e saída particularmente de carvão e minérios. Despesas: US\$... 90.000,00 e Cr\$... 13.229.300,00.

Projeto E) — Substituição de 2.073 vagões de carga, de madeira, por 2.265 novos vagões, sendo 1.500 de aço, com maior capacidade, apropriados para o transporte de minérios. Despesas: US\$ 8.673.280,00 e Cr\$ 370.370.874,00.

Como se vê, a Comissão Mista não pregou o projeto sem estopa. Seus projetos querem dizer apenas isso: a população carioca que se like, pois o que nos dá lucro é o minério.

QUE FAZER?

Com o atraso verificado na entrega pela Metropolitan Vickers, o carioca se vê na perspectiva de viajar nos trens da

Central ainda durante muito tempo na mesma situação. Deve-se registrar ainda que os empréstimos previstos pelos projetos da Comissão Mista estão encalhados nos EE. UU. Os ianques recusam até mesmo conceder empréstimos extorsivos, enquanto não cedermos nosso petróleo à sua ganância. É uma verdadeira chantagem que está se verificando, na qual o governo Café Filho é o próprio instrumento dos trustes, advogando a entrega do petróleo à exploração por capitais americanos em troca de outros investimentos.

O problema não é insuperável entretanto. Nem só os EE. UU. e a Inglaterra possuem material com que se possa reaparelhar a E. F. C. B. — também os países socialistas podem fornecer ao Brasil o que necessitamos. E dinheiro para comprar os trens e os vagões, para reaparelhar as oficinas e a via permanente da estrada, também existe. O que há, porém, é a evidente má-vontade do governo para resolver um dos mais graves senão o mais grave problema da população do Distrito Federal.

IMENSO, DE IMPORTÂNCIA UNIVERSAL»

CRÍTICA E AUTOCRÍTICA: O QUE ÊLES DISSERAM

essa pesquisa se fazia
comum, sob as próprias
tas daqueles que dirigem
pals.

A cólera de Chelod
contra a mediocridade
produção média — qual
amigos da literatura fa-
essa não a senti diante
lançamento de livros não
bém nocivos? Mas aqui
França estamos desarmar
e somente nos resta lar

de K. Simonov. «Espeta-

suas de-
Congresso

planta, de 5.000 a base da energia atômica, de 3.500 quilowatts, foi construída na URSS. Em 27 de junho de 1954 começou a funcionar, utilizando a energia atômica e proporcionando energia elétrica para a indústria e a agricultura das zonas vizinhas. Os homens de ciência e engenheiros soviéticos continuam trabalhando para criar centrais elétricas atômicas de 50.000 a 100.000 quilowatts. Não há dúvida de que os próximos anos terão novos êxitos e vitórias neste terreno. Essa grande realização do cérebro humano e essas poderosas forças da natureza serão utilizadas com fins pacíficos, para o bem dos povos.

co. **Dominique DESANTI**

COMO sabemos, a essência econômica do imperialismo consiste na substituição da livre concorrência pelo poder dos monopólios. Os monopólios, estabelecendo os preços monopolistas, têm por objetivo, na definição de Lênin, obter um lucro monopolisticamente elevado que ultrapassa sensivelmente o lucro médio. A obtenção de um lucro monopolisticamente elevado pelos monopólios decorre da própria essência do imperialismo e é garantida por um inaudito fortalecimento da exploração da classe operária pelos monopólios, pelo saque aos camponeses e outros pequenos produtores; pela exportação de capitais para os países atrasados, sugando-se assim toda a seiva vital destes países; pelas conquistas coloniais; pelas guerras imperialistas que constituem minas de ouro para os monopólios. Nos trabalhos de Lênin, dedicados à descoberta da essência econômica e política do imperialismo, são apresentados os pontos de partida para o estabelecimento da lei fundamental do capitalismo contemporâneo. Apoiando-se nestas premissas de Lênin, Stálin formulou a lei econômica fundamental do capitalismo contemporâneo.

Os principais traços e exigências da lei econômica fundamental do capitalismo monopolista, consistem no seguinte: «garantia do lucro máximo capitalista por meio da exploração, ruína e pauperização da maioria da população de um dado país, por meio da escravização e sistemática pilhagem dos povos de outros países, particularmente dos países atrasados; e, finalmente por meio das guerras e da militarização da economia nacional, utilizadas para garantir os lucros mais elevados». (J. V. Stálin — «Problemas Econômicos do Socialismo na U.R.S.S.»).

Desta forma, a lei econômica fundamental do capitalismo — lei da mais-valia — no período imperialista, recebe um novo desenvolvimento e concretização. Se no capitalismo pré-monopolista, o domínio da livre concorrência levava à uniformização da taxa de lucro de diferentes capitalistas, nas condições do imperialismo, os monopólios se garantem um lucro monopolisticamente elevado, o lucro máximo. E é exatamente o lucro máximo que constitui o móvel do capitalismo monopolista.

As condições objetivas para aquisição de lucros máximos são criadas pelo estabelecimento do domínio dos monopólios em determinados ramos da produção. No estágio imperialista, a concentração e a centralização do capital alcançam o seu grau mais elevado. Em consequência disto a ampliação da produção exige enormes inversões de capital. Por outro lado, no período do capitalismo monopolista desenvolve-se uma feroz concorrência entre empresas gigantescas. Esta batalha é vencida pelos monopólios mais fortes, que dispõem de maiores capitais e recebem lucros máximos.

Com os lucros máximos, os monopólios têm a possibilidade de realizar a reprodução ampliada e garantir o seu domínio no mundo capitalista. A corrida monopolista em busca do lucro máximo leva ao extremo o aguçamento de todas as contradições do capitalismo.

A base do lucro máximo dos monopólios capitalistas, como de todo lucro capitalista, é constituída pela mais-valia, extraída dos operários por meio da sua exploração no processo da produção. A exploração da classe operária é levada pelos monopólios ao seu ponto mais alto. Através da aplicação de diferentes sistemas extorsivos de organização e remuneração do trabalho realiza-se uma contínua e exaustiva intensificação do trabalho que significa, antes de mais nada, o enorme aumento da taxa e da massa geral de mais-valia extraída dos operários. A intensificação do trabalho conduz a que a maioria dos operários se torne desnecessária, indo engrossar as fileiras do exército do sem-trabalho, privados de qualquer esperança de voltarem ao processo da produção. São também expulsos das empresas todos os operários que se revelem incapazes de realizar a aceleração excessiva dos processos de produção.

A LEI ECONÔMICA FUNDAMENTAL DO CAPITALISMO MONOPOLISTA

N. da R. — Transcrevemos do jornal «Notícias de Hoje», de São Paulo, o seguinte trecho extraído do «Manual de Economia Política», que foi recentemente editado na União Soviética:

lia extraída dos operários. A intensificação do trabalho conduz a que a maioria dos operários se torne desnecessária, indo engrossar as fileiras do exército do sem-trabalho, privados de qualquer esperança de voltarem ao processo da produção. São também expulsos das empresas todos os operários que se revelem incapazes de realizar a aceleração excessiva dos processos de produção.

Nos Estados Unidos a taxa de mais-valia na indústria de minas e na indústria manufatureira, calculada na base dos dados oficiais, constituía em 1889 - 145%, em 1919 - 165%, em 1929 - 210%, em 1939 - 220%. Desta forma, em 40 anos a taxa de mais-valia aumentou em uma e meia vezes.

Ao mesmo tempo o salário real baixa, em consequência do aumento do custo da vida. O aumento dos preços dos artigos de consumo, o peso cada vez maior dos impostos e a inflação diminuem ainda mais o salário real do operário. Na época do imperialismo, aumenta enormemente o desequilíbrio entre o salário do operário e o valor da sua força de trabalho. Isto significa a ação cada vez mais brutal da lei geral da acumulação capitalista que condiciona o empobrecimento relativo e absoluto do proletariado. O aumento da exploração da classe operária no processo da produção é completado pelo saque que o operário sofre como consumidor. Os operários são obrigados a pagar grandes somas aos monopólios, que estabelecem elevados preços monopolistas para os produtos por eles produzidos e vendidos.

Nas condições do capitalismo monopolista, as mercadorias produzidas pelos monopólios são vendidas já não pelo preço de produção e sim por preços monopolistas, sensivelmente mais elevados.

Preço monopolista. O preço monopolista é igual aos gastos com a produção mais o lucro máximo, que é sensivelmente mais elevado que a taxa média de lucro; o preço monopolista é mais elevado que o preço de produção e, via-de-regra, superior ao valor das mercadorias. Ao mesmo tempo, o preço monopolista, como mostrava ainda Marx, não pode eliminar as barreiras definidas pelo valor das mercadorias. O elevado nível dos preços monopolistas não altera a soma do valor e da mais-valia produzidos dentro do sistema capitalista mundial: o que é ganho pelos monopólios, é perdido pelos operários, pequenos produtores e pelas populações dos países dependentes. Uma das fontes do lucro máximo, recebida pelos monopólios, é constituída pela redistribuição da mais-valia, em consequência da qual as empresas não monopolistas, freqüentemente, não conseguem obter nem mesmo o lucro médio. Mantendo os preços num nível elevado, superior ao valor das mercadorias, os monopólios se apropriam dos resultados do aumento da produtividade do trabalho e da diminuição dos gastos com a produção. Desta forma, eles oneram a população com um tributo cada vez maior.

lho e da diminuição dos gastos com a produção. Desta forma, eles oneram a população com um tributo cada vez maior.

A política alfandegária dos Estados burgueses constitui uma importante arma do aumento monopolista dos preços. Na época da livre-concorrência eram principalmente os países mais fracos que recorriam a altas tarifas alfandegárias, pois sua indústria necessitava de proteção contra a concorrência estrangeira. Na época do imperialismo, pelo contrário, as altas tarifas alfandegárias servem aos monopólios de meio de ofensiva na luta pela conquista de novos mercados. As elevadas tarifas auxiliam a manutenção dos preços monopolistas dentro da país.

Tendo em vista a conquista de novos mercados externos, os monopólios empregam amplamente o «dumping» — venda de mercadorias no exterior por preços bastante inferiores aos que vigoram no mercado interno e, freqüentemente, mesmo abaixo do custo da produção. O aumento das vendas para o exterior, em caráter de «dumping», permite manter os preços elevados no mercado interno, sem diminuir a produção, sendo que as perdas, condicionadas por este tipo de exportação, são cobertas com o aumento dos preços no mercado interno. Depois que dado mercado externo já está conquistado e preso aos monopólios estes passam à venda das mercadorias por preços monopolistas elevados.

A exploração das massas camponesas pelos monopólios se exprime, antes de mais nada, pelo fato de que o poder dos monopólios gera o crescente desnível entre os preços dos produtos agrícolas e as mercadorias industriais (as assim chamadas «tesouras» dos preços): vendendo as mercadorias por preços artificialmente elevados, os monopólios, ao mesmo tempo, compram aos camponeses os seus produtos por preços extremamente baixos. Os preços monopolistas, como instrumentos da espoliação da agricultura, freiam o seu desenvolvimento. Uma das mais potentes alavancas utilizadas para o depauperamento das economias camponesas é constituída pelo desenvolvimento do crédito hipotecário. Os monopólios envolvem os camponeses em dívidas e depois, por um preço infimo, se apoderam de suas terras e bens.

A compra pelos monopólios dos produtos da economia camponesa, por preços extremamente baixos, absolutamente não significa que o consumidor urbano receba gêneros alimentícios baratos. Entre o camponês e o consumidor urbano estão os intermediários — comerciantes unidos em organizações monopolistas que levam à ruína os camponeses e roubam o consumidor urbano.

Em seu trabalho «A política do Partido Comunista no campo», Maurice Thorez escrevia: «O capitalismo

conseguiu transformar a pequena propriedade camponesa — as «parcelas», onde os camponeses trabalhavam às vezes de 14 a 16 horas diárias — não em meio de existência e florescimento dos trabalhadores do campo, mas em instrumento de sua exploração e escravização. Por meio de hipotecas, por meio das manobras dos piratas financeiros, por meio de impostos elevados, de elevadas somas cobradas pelo arrendamento e, principalmente, por meio da concorrência dos grandes capitalistas proprietários de terras, a burguesia arruina os camponeses pequenos e médios».

Mais ainda, outra fonte dos lucros máximos dos monopólios é constituída pela escravização e pilhagem dos países economicamente atrasados e dependentes pela burguesia dos países imperialistas. A pilhagem sistemática às colônias e a outros países atrasados, a transformação de uma série de países independentes em países dependentes, constitui um traço inalienável do capitalismo monopolista. O imperialismo não pode viver e se desenvolver sem a constante afluência de tributos provenientes dos países por ele pilhados.

Os monopólios recebem enormes lucros, antes de mais nada, das suas inversões de capital nos países coloniais e dependentes. Estes lucros são o resultado da mais feroz e desumana exploração das massas trabalhadoras do mundo colonial. Os monopólios obtêm estes lucros através de uma troca não equivalente, isto é, por meio da venda de suas mercadorias aos países coloniais e dependentes por preços sensivelmente acima do seu valor, bem como através da compra de mercadorias produzidas nestes países por preços desmesuradamente baixos, que não chegam a cobrir o seu valor. Ao lado disto, os monopólios recebem das colônias grandes lucros relativos a transações bancárias, securitárias e ao transporte.

Finalmente, as guerras e a militarização da economia constituem fonte de lucro para os monopólios. As guerras enriquecem enormemente os magnatas do capital financeiro e, nos intervalos entre as guerras, os monopólios procuram manter o nível dos seus lucros através de uma incessante corrida aos armamentos. As guerras e a militarização da economia proporcionam aos monopolistas grandes encomendas militares, pagas pelo tesouro por preços artificialmente elevados e uma enorme torrente de concessões e subsídios provenientes dos orçamentos estatais. As empresas que trabalham para fins militares colocam-se em condições excepcionalmente favoráveis em relação à obtenção de matérias-primas, materiais de produção e força de trabalho. Todas as leis trabalhistas são revogadas, os operários são mobilizados, as greves proibidas. Tudo isto dá aos capitalistas a possibilidade de elevarem ao máximo o grau de exploração por meio da elevação da intensidade do trabalho até os últimos limites. Simultaneamente baixa o nível de vida das massas trabalhadoras, como consequência do aumento dos impostos, da carestia da vida, da introdução do racionamento dos gêneros alimentícios e de outros artigos de primeira necessidade.

Desta forma, a militarização da economia capitalista, tanto durante as guerras, como em tempo de paz, significa a intensificação da exploração das massas trabalhadoras, atendendo aos interesses do aumento dos lucros máximos dos monopólios.

A lei econômica fundamental do capitalismo contemporâneo, determinando todo o desenvolvimento do capitalismo na sua etapa imperialista, dá a possibilidade de compreendêmos e explicarmos o inevitável aumento e o aguçamento das contradições insolúveis que lhe são próprias.

Talvez muitos pensem que a energia atômica seja uma realização recente do homem. Não é assim. A existência dessa energia é observada sem cessar na natureza. Por exemplo, a luz solar é resultado direto do desprendimento da energia atômica e toda a vida da Terra é produto da radiação do sol. Houve tempo, sim, em que o homem não suspeitava sequer da existência da energia atômica. Hoje, porém, submeteu-a e colocou-a a seu serviço.

Processos das interações nucleares

Antes de falar da Central elétrica atômica, recordaremos o funcionamento das instalações energéticas ordinárias. Para a produção de energia elétrica as centrais ordinárias utilizam o carvão, o petróleo, o gás, cujos elementos combustíveis principais são o carbono e o hidrogênio.

Como resultado das reações químicas da combustão, cada quilograma de substância empregada desprende determinada quantidade de calor, ao que se denomina capacidade calorífica do combustível. Os melhores carvões possuem 7.000 grandes calorias por quilograma, o petróleo 10.000, etc.

Ultimamente, os pesquisadores aprenderam a utilizar os processos das interações nucleares, nas quais se desprende uma quantidade de energia incomparavelmente maior que nas reações ordinárias.

O desprendimento da energia nos processos nucleares é possível na síntese do núcleo de elementos leves (hidrogênio, lítio) ou, ao contrário, na desagregação do núcleo dos elementos pesados (urânio, plutônio). A energia que se desprende das interações nucleares leva o nome de energia atômica, embora seja mais acertado chamá-la de nuclear. Os materiais que são utilizados para a obtenção de energia nos processos atômicos chamam-se combustíveis nucleares. E, destes, os que desprendem a energia com decomposição dos núcleos, são combustíveis nucleares de desintegração.

De cada quilo de hidrogênio desprendem-se 150 bilhões de calorias

Tal como os combustíveis ordinários, eles podem ser classificados segundo sua capacidade calorífica, cuja grandeza depende da classe do combustível atômico. O urânio e o plutônio, por exemplo, têm uma capacidade calorífica aproximada de 20 bilhões de grandes calorias por quilograma. Isto é, 3 milhões de vezes mais que a capacidade calorífica do melhor carvão de pedra.

Com a síntese de átomos leves, de cada quilograma de combustível pode desprender-se uma quantidade de energia ainda maior. Assim, quando quatro átomos de hidrogênio formam um átomo

de hélio, de cada quilograma de hidrogênio se desprendem uns 150 bilhões de grandes calorias.

Se se colocasse um quilograma desse combustível nuclear sob uma montanha piramidal de um quilômetro quadrado de base e um quilômetro de altura e se «fizesse voar» esse combustível, a montanha com seu peso de 1 bilhão de toneladas saltaria a uma altura de 65 metros.

A reação de síntese dos núcleos é utilizada nas bombas-H, na forma de explosão. Hoje em dia torna-se difícil indicar um modo qualquer de utilização deste processo com fins industriais, pois as reações termionucleares se produzem a temperaturas muito altas, que chegam a milhões de graus.

Produção de combustíveis nucleares artificiais

Para a obtenção de eletricidade a partir da energia nuclear empregam-se presentesemente os combustíveis nucleares de desintegração. O elemento natural de desintegração mais apropriado para a obtenção da energia é o urânio 235, metal de cor cinzenta e de um grande peso específico. Uma bolinha de urânio de 45 milímetros de diâmetro pesa um quilograma. O urânio 235 encontra-se na natureza misturado em pequenas quantidades com o urânio 238. A insignificante quantidade em que se encontra nas reservas minerais do urânio dificulta o progresso da energia nuclear se não tivessem sido encontrados processos para obtenção de combustíveis nucleares artificiais. Tais são atualmente o plutônio 239, obtido a partir do urânio 238, e o urânio 233, que procede do tório 232.

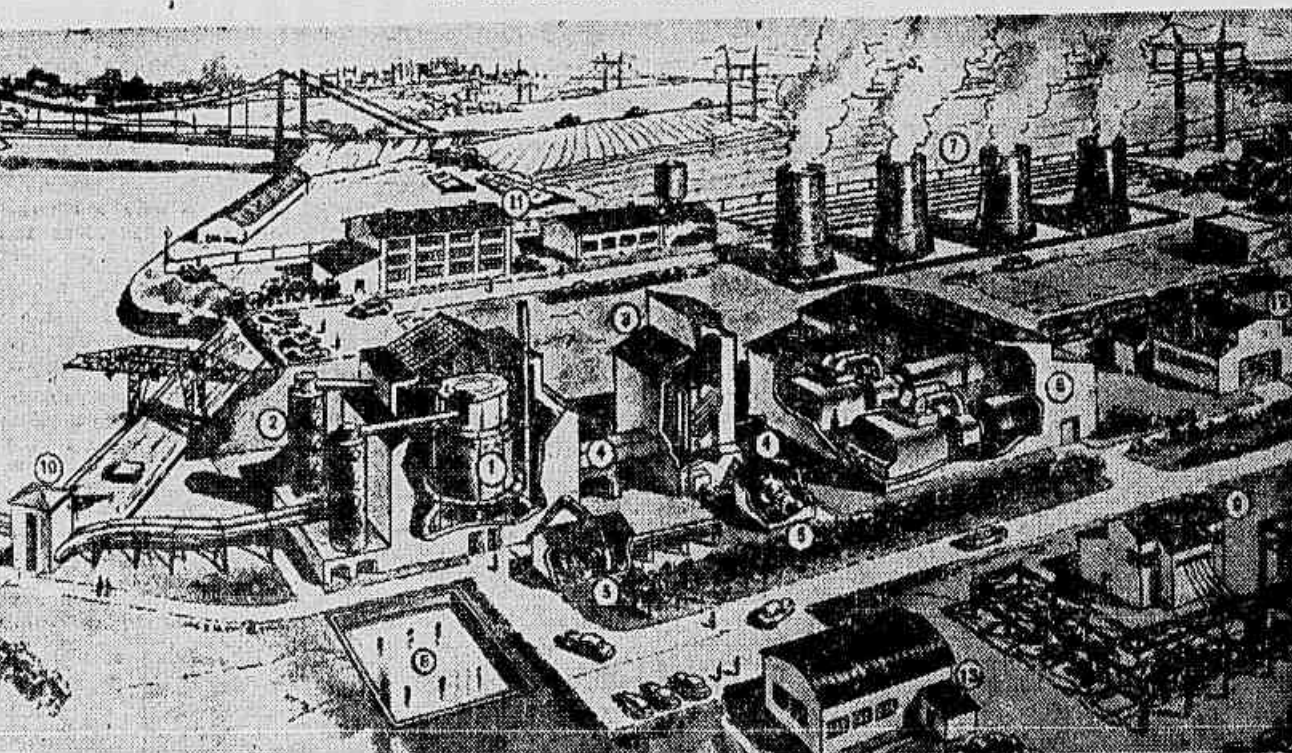
A possibilidade de formação de combustíveis artificiais permite utilizar quase todas as reservas naturais de urânio e tório. Calculou-se que toda quantidade de energia nuclear contida no urânio e no tório existentes na natureza é muitas vezes superior a todas as reservas energéticas de carvão, turfa, petróleo, gás e demais substâncias orgânicas. A ciência deu, pois, um generoso presente aos homens, conjurando por muito tempo a ameaça de escassez de combustível.

Para responder à pergunta de como transcorre o processo de desprendimento da energia a partir dos combustíveis de desagregação, devemos recordar que o núcleo do átomo do urânio 235 consta de 92 prótons, partículas de carga positiva e de

As interações nucleares — O processo de desprendimento de energia — A Central Elétrica à base de energia atômica em pleno funcionamento

Prof. V. ROMADIN

Dr. em ciências técnicas da U.R.S.S.



Uma das variantes da central elétrica alimentada por combustível atômico — 1) Reator atômico — 2) Dispositivo para a modificação da temperatura — 3) Caldeira a vapor — 4) Conduto principal para o vapor — 5) Bomba para o condensador — 6) Turbinas geradoras — 7) Câmara para a evaporação — 8) Tanque para a refrigeração da água — 9) Transformador — 10) Bomba — 11) Oficinas — 12) Depósito — 13) Administração

143 neutrons, partículas que não possuem carga alguma. A grande quantidade de prótons de carga igual (positiva) tornam instável o núcleo de urânio, pois as forças elétricas existentes entre os prótons tratam constantemente de romper o núcleo (já se sabe que as cargas de mesmo nome se repelem).

Um sêto de correio pesaria 5 milhões de toneladas

A estabilidade do núcleo consegue-se somente em virtude de força, ainda maiores, que levam o nome de nucleares. Essas mantêm comprimidas as forças elétricas e conservam desse modo a estabilidade do núcleo. Pode-se dar uma idéia da potência das forças nucleares pela extraordinária densidade de que a matéria adquire no núcleo. A densidade da água é, segundo se sabe, de uma tonelada por metro cúbico. Pois a matéria nuclear, sujeita pelas forças nucleares, é de 100 trilhões de toneladas por metro cúbico. Se um sêto de correio de 40 kopeks, pesando 40 miligramas, fosse feito de matéria nuclear, pesaria pelo menos 5 milhões de toneladas.

A energia nuclear desprende-se ao desagregar-se os núcleos. Da mesma maneira que com a combustão das substâncias ordinárias, unicamente podem desagregar-se os núcleos estimulados. O estímulo do núcleo do urânio 235 advem quando se une com um neutrão: o núcleo novo fica extraordinariamente estimulado, «aquecido», e não é capaz de conservar sua primitiva forma esférica.

Mais velocidade dos átomos, maior temperatura do corpo

O núcleo alonga-se, formando um corpo muito fino no momento em que entre as duas partes extremas começam a atuar as forças elétricas de repulsão que rompem o núcleo e o dividem em dois fragmentos. O neutrão age, pois, como cápsula explosiva no processo de desagregação do núcleo. Os dois fragmentos assim se separam a velocidades enormes. Sabemos que quanto maior é a velocidade dos átomos ou das moléculas de um corpo, mais alta é a temperatura desse corpo. Os cálculos correspondentes permitem-nos de-

terminar que a velocidade dos fragmentos do núcleo desagregado corresponde a uma temperatura de 400 a 500 bilhões de graus.

Otenta e um por cento de toda a energia desprendida na decomposição do núcleo obtém-se precisamente dos fragmentos nucleares que saltam com tanta rapidez. Por conseguinte, a energia nuclear se assemelha fundamentalmente à calorífica dada. A instalação onde se produz o processo regulado de desagregação dos núcleos toma o nome de reator nuclear, o qual, atendidos os fins que cumpre, lembra a fôrma da caldeira das centrais térmicas ordinárias. Para obter a potência requerida, coloca-se no reator a quantidade correspondente de combustível nuclear.

Desagregação em dois milionésimos de segundo

É muito importante assinalar que quando se desagrega o núcleo do urânio, além dos dois fragmentos se desprendem dois ou três neutrons, capazes de estimular outros dois ou três núcleos de urânio. Isso significa que a reação continuará crescendo de per si, como uma avalanche. Este processo efetua-se com grande rapidez.

Por exemplo, em um pedaço grande de urânio a desagregação se produz em dois milionésimos de segundo. Esse é o princípio das bombas atômicas.

A possibilidade de utilizar a energia atômica para obter eletricidade não surgiu senão quando o homem aprendeu a dirigir a desagregação dos núcleos, a regulá-la, a mantê-la a uma velocidade dada. A instalação onde se produz o processo regulado de desagregação dos núcleos toma o nome de reator nuclear, o qual, atendidos os fins que cumpre, lembra a fôrma da caldeira das centrais térmicas ordinárias. Para obter a potência requerida, coloca-se no reator a quantidade correspondente de combustível nuclear.

Os fragmentos obtidos ao desagregar-se os núcleos chocam-se com os núcleos de outros elementos e lhes entregam sua energia.

Incessante refrigeração do reator

Da mesma maneira o combustível nuclear dos materiais que o rodeiam se aquecem rapidamente. Se não se «tira» a tempo do reator o calor, produzido, o

aparelho funde-se em seguida, motivo por que se o refrigera com ajuda de água, de gás (o mais corrente é o hélio) ou de metais líquidos (potássio, sódio). Estes líquidos refrigeradores escorrem por numerosos tubinhos que atravessam o reator. Bombinhas especiais ou injetores de gás mantêm em circulação constante os materiais de refrigeração.

Para obter a necessária potência é preciso regular a torrente dos neutrons. Por esta, a fim de modificar a potência do reator, muda-se em seu correspondente a afluência de neutrons, conduzida por materiais especiais um dos quais é o cádmio, que absorvem ativamente os neutrons. Introduzindo varinhas de cádmio no reator pode-se aumentar ou diminuir o número de neutrons «explosivos». As mudanças na torrente neutrônica se traduzem em mudanças de potência do reator. Quando o reator funciona não se produzem nela altas temperaturas. Não saem chamadas, como no forno das caldeiras de vapor. Nas diferentes partes do reator a temperatura oscila entre os 250 e os 600 graus.

Falemos agora da central elétrica atômica. Compreende quatro seções: de reatores, de geradores de vapor, de turbinas e de produção de eletricidade. A seção principal consta de um ou vários reatores e é o coração da central. Seguido se encontra, quando os núcleos se desagregam desprende-se energia, que é a que aquece, através dos tubos do reator, a água, os gases ou os metais líquidos. Se para a refrigeração se emprega a água, esta, a uma pressão entre 50 e 100 atmosferas, chega a 250 ou 300 graus; se se empregam metais e gases, a temperatura pode ascender a 500 ou 550 graus. Os materiais se aquecem, pois, e passam aos geradores, onde cedem seu calor proporcionando vapor de uma pressão de 10 ou 15 atmosferas e a uma temperatura que oscila entre os 200 e os 500 graus.

Deve assinalar-se aqui que durante o funcionamento do reator desprende-se uma grande quantidade de neutrons e uma poderosa carga de raios gama, muito nocivos uns e outros para o homem. Por isso, os reatores e geradores de vapor se encontram rodeados de sólidas paredes de concreto e não se permite o acesso a eles enquanto estão em funcionamento. Sua direção se efetua à distância, com ajuda de aparelhos automáticos.

Funcionam sem produzir ruído, fuligem ou impurezas

O gerador de vapor é composto de uma série de caldeiras tubulares como as que ordinariamente são empregadas para as instalações térmicas. Com o objetivo de elevar seu rendimento calorífico, os tubos são de diâmetro reduzido. Se o material refrigerador é um metal, este passa em estado líquido por entre os tubos, dentro dos quais circula a água, que se vai convertendo em vapor. O vapor, que sai do gerador para dirigir-se às turbinas é inofensivo. A temperatura e a pressão do vapor determinam o coeficiente útil da central em seu conjunto, que pode oscilar entre 20 e 30 por cento. Parte da energia obtida deve inverter-se em por em movimento um grande número de bombas e ventiladores. Calcula-se que o consumo interno de energia não passa de 4,5 por cento, isto é, menos que nas centrais térmicas ordinárias.

As centrais elétricas atômicas têm várias particularidades. Não necessitam de ar. Os reatores e os geradores de vapor funcionam sem ruído e não empoeiram o ambiente nem desprendem fuligem. O consumo de combustível é insignificante. Por exemplo, uma central de 1 milhão de quilowatts só utilizará entre 100 e 200 gramas de urânio por hora.

O urânio passa a plutônio e o tório a urânio

As centrais atômicas não têm agora só a tarefa de produzir eletricidade; também se dedicam a proporcionar novos combustíveis nucleares artificiais. Com esse objetivo, a parte central do reator pode ser feita de materiais de desagregação intensa, isto é, de materiais que contenham uma elevada quantidade de urânio 235 ou de plutônio 239. Tais reatores se rodeiam de uma cobertura de urânio 238 ou de tório 232. Sob a influência dos neutrons que vão parar a esses materiais, neles se produzem vários processos de cujos resultados os núcleos de urânio 238 se transformam em plutônio e os núcleos de tório 232 em urânio. Estes dois novos elementos possuem as mesmas propriedades favoráveis que o urânio 235 natural. Os materiais com o novo combustível formado são enviados periodicamente às fábricas químicas, onde se desprendem puros.

Os reatores produzem mais combustíveis do que consomem

Os reatores destinados à produção de novos combustíveis de novos combustíveis (Conclui na 3ª pag.)